

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CAMPUS REGIONAL DO VALE DO IVAÍ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

JÉSSICA FERNANDA SOUZA CRUZ

**INSERÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NOS MUNICÍPIOS DE ABRANGÊNCIA DO
NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE IVAIPORÃ, PR**

**IVAIPORÃ
2021**

JÉSSICA FERNANDA SOUZA CRUZ

INSERÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NOS MUNICÍPIOS DE ABRANGÊNCIA DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE IVAIPORÃ, PR.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física do Departamento de Ciências do Movimento Humano da Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional do Vale do Ivaí como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Profa. Dra. Andréia Paula Basei

IVAIPORÃ
2021

JÉSSICA FERNANDA SOUZA CRUZ

INSERÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NOS MUNICÍPIOS DE ABRANGÊNCIA DO NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE IVAIPORÃ, PR.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física do Departamento de Ciências do Movimento Humano da Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional do Vale do Ivaí como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: ____ / ____ / 2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andréia de Paula Basei
Departamento de Ciências do Movimento Humano – DMO/UEM/CRV

Prof. Dr. Eduard Angelo Brendrath
Departamento de Ciências do Movimento Humano – DMO/UEM/CRV

Prof. Dr. Marcos Vinicius Francisco
Departamento de Ciências do Movimento Humano – DMO/UEM/CRV

“Quando olho para uma criança ela me inspira dois sentimentos, ternura pelo que é, e respeito pelo que posso ser.”

Jean Piaget

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo e de todos quero agradecer a Deus, a Ele toda honra e toda glória. Eu não poderia ter chegado onde cheguei se não fosse por Ele, me dando forças e coragem.

Em segundo lugar ao meu filho Guilherme Henrique, meu presente de Deus, motivo por eu não desistir, minha inspiração. É ele quem acompanhou desde o início a minha caminhada acadêmica. Inúmeras vezes precisei de um abraço, um acalento e ele sempre pronto a me oferecer.

Em terceiro lugar ao meu amigo, companheiro e marido, Danilo. Meu porto de apoio.

Agradeço aos meus pais Marta e Sidnei por me ajudarem, por me incentivarem a estudar e a querer buscar sempre o melhor.

Obrigada aos meus avós por toda ajuda atribuída ao meu processo de formação.

A minha amiga Fernanda por acreditar em mim e sempre me impulsionar a vencer.

E não poderia deixar de agradecer aos meus docentes que se dedicaram para nos proporcionar a melhor qualidade de conhecimento, professora Fernanda, professora Jeinni Puziol, professora Thaís, professor Marcos e também minha querida professora e orientadora Andréia Paula Basei, pela paciência e dedicação nesta etapa de minha vida.

A todos agradeço imensamente. Cada um de vocês construiu e contribuiu para minha formação.

CRUZ, Jéssica Fernanda Souza. **Inserção e atuação do professor de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental nos municípios de abrangência do Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã, PR.** Orient. Andréia Paula Basei. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Educação Física, Departamento de Ciências do Movimento Humano, Universidade Estadual de Maringá, Ivaiporã, 2021.

RESUMO

A Educação Física escolar tem um papel essencial na construção e formação do indivíduo enquanto ser social. Desta forma é nos anos iniciais do ensino fundamental, que esta deve ser exercida de forma coerente com os objetivos e conteúdos oferecidos pela Educação Física e, acima de tudo, com a atuação de um profissional com formação em Educação Física. Este estudo tem como objetivo identificar quais os municípios na área de abrangência do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Ivaiporã, PR possuem professores com formação em Educação Física atuando nos anos iniciais do ensino fundamental, e como se configura a atuação desses professores. Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa do tipo descritiva, a qual teve como participantes seis professores de Educação Física atuantes nos anos iniciais do Ensino fundamental atuantes em municípios do NRE de Ivaiporã, PR. Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada a qual foi analisada a partir do método de análise de conteúdo. Os resultados evidenciam que apenas metade dos municípios de abrangência do NRE de Ivaiporã apresentam professores com formação específica em Educação Física atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A inserção destes professores se deu por meio de concurso público, na maioria dos casos, com carga horária de 20h/a semanais. Ficou perceptível que os professores atribuem grande importância a Educação Física neste nível de ensino, especialmente, para o desenvolvimento motor e socialização dos alunos. Foi possível também compreender como ocorrem as práticas pedagógicas desses professores, evidenciando-se que não há um planejamento claro sobre as atividades propostas, o que reverbera na fragilidade para a definição dos objetivos, conteúdos e aspectos avaliativos referentes ao componente curricular. Para finalizar, concluímos que a formação inicial dos participantes da pesquisa pode ter influência direta na forma como são desenvolvidas as práticas pedagógicas, assim como na inconsistência dos aspectos referentes ao planejamento, tais como ausência de objetivos, limitação dos conteúdos e ausência de critérios de avaliação. Sendo assim, a atuação de professores com formação na área fica aquém do esperado, pois apresentam conhecimentos e práticas pouco aprofundados na sua área de atuação.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Ensino fundamental. Anos iniciais. Atuação profissional.

CRUZ, Jéssica Fernanda Souza. **Inserção e atuação do professor de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental nos municípios de abrangência do Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã, PR.** Orient. Andréia Paula Basei. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Educação Física, Departamento de Ciências do Movimento Humano, Universidade Estadual de Maringá, Ivaiporã, 2021.

ABSTRACT

School Physical Education has an essential role in the construction and formation of the individual as a social being. In this way, it is in the early years of elementary school that it must be exercised in a way that is coherent with the objectives and contents offered by Physical Education and, above all, with the performance of a professional with training in Physical Education. This study aims to identify which municipalities in the area covered by the Regional Education Nucleus (NRE) of Ivaiporã, PR have teachers with training in Physical Education working in the early years of elementary school, and how the performance of these teachers is configured. This research has a qualitative approach of the descriptive type, which had as participants six Physical Education teachers working in the early years of elementary school working in municipalities of the NRE of Ivaiporã, PR. For data collection, a semi-structured interview was used, which was analyzed using the content analysis method. The results show that only half of the municipalities covered by the NRE in Ivaiporã have teachers with specific training in Physical Education working in the early years of Elementary School. The insertion of these teachers took place through a public tender, in most cases, with a workload of 20h/a per week. It was noticeable that teachers attach great importance to Physical Education at this level of education, especially for the motor development and socialization of students. It was also possible to understand how the pedagogical practices of these teachers occur, showing that there is no clear planning on the proposed activities, which reverberates in the fragility for the definition of objectives, contents and evaluative aspects regarding the curricular component. Finally, we conclude that the initial training of research participants may have a direct influence on the way pedagogical practices are developed, as well as the inconsistency of aspects related to planning, such as lack of objectives, limitation of content and absence of evaluation criteria. Thus, the performance of teachers with training in the area falls short of expectations, as they have little in-depth knowledge and practices in their area of expertise.

Keywords: School Physical Education. Elementary School. Professional performance. early years.

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice A	Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	66
Apêndice B	Roteiro de Entrevista Semiestruturada com os professores das escolas	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa delimitação dos municípios.....	25
----------	--------------------------------------	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Municípios pertencentes ao NRE de Ivaiporã que possuem professores com formação na área	28
Quadro 2	Caracterização dos participantes	29
Quadro 3	Atuação profissional	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIEF	Anos Iniciais do Ensino Fundamental
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EF	Educação Física
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NRE	Núcleo Regional de Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PR	Paraná
EaD	Educação a Distância

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA	12
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	13
2. OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3. REVISÃO DE LITERATURA	15
3.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	15
3.2 OBJETIVOS E CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	18
3.3 ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS...	19
4. METODOLOGIA	24
4.1 TIPO DO ESTUDO.....	24
4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	25
4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS	25
4.4 FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5.1 PERFIL DOS PROFESSORES ATUANTES NOS ANOS AIEF.....	28
5.2 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A EF NOS AIEF	33
5.2.1 Concepção dos professores sobre a EF nos AIEF	34
5.2.2 Objetivos da EF nos AIEF	36
5.2.3 Conteúdos da EF nos AIEF	38
5.2.4 Planejamento das aulas pelos professores	40
5.3 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EF NOS AIEF.....	47
5.3.1 Espaço Físico e material para as práticas pedagógicas	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física tem um papel essencial na construção e formação do ser humano, não apenas nos aspectos educacionais, mas também éticos, morais, sociais, afetivos e culturais. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2018, p. 209).

A Educação Física é uma disciplina que possui objetivos a serem alcançados, decorrentes de sua prática no contexto escolar, sendo reconhecida como componente curricular obrigatório com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394/96 do artigo 26 § 3º, o qual dispõe: "A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica [...]" (BRASIL, 1996).

Porém, essa obrigatoriedade não cabe aos docentes que irão ministrar essa disciplina, ou seja, a lei n. 9.394/96 não diz respeito à obrigatoriedade de um profissional formado em Educação Física desenvolver as aulas. Ainda que se configure como componente curricular obrigatório na educação básica, a atuação do professor com formação específica em Educação Física é perpassada por inúmeras questões de ordem política, econômica e administrativa dos municípios.

Atualmente, o que presenciamos em inúmeros municípios nos diferentes estados e regiões brasileiras vão ao encontro das reflexões de Hess e Toledo (2016, p. 171) cujas aulas de Educação Física são "[...] responsabilidade dos professores polivalentes ou regentes, que possuem formação no Magistério (nível ensino médio) e/ou Pedagogia (nível superior), e/ou mais recente Normal Superior".

Por outro lado, pesquisas realizadas por Rodrigues, Silva e Copeti, (2018) demonstram que, o que esses pedagogos e professores regentes trabalham dentro da Educação Física está basicamente associado à motricidade fina, o que auxilia os alunos na hora de aprender a escrever. A Educação Física não é trabalhada como um todo, abrangendo todos os seus conteúdos, apenas aqueles que são do

interesse desses profissionais não formados em Educação Física. Para Rodrigues, Silva e Copetti (2018, p. 292) os professores polivalentes utilizam em suas aulas as unidades brincadeiras e recreação como atividades pedagógicas, sendo essas as únicas pontes ligadas à disciplina de Educação Física.

1.1 JUSTIFICATIVA

Esse estudo visa estabelecer a compreensão da importância da atuação do professor de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental, pois é justamente esse profissional que trabalha/desenvolve o ensino-aprendizagem da **cultura corporal** outros conteúdos relacionados à vivência e experiências na e para a vida de seus alunos. Assim, buscamos investigar quais são os números de professores de Educação Física nos municípios de abrangência do Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã, atuando nas redes municipais nos anos iniciais do ensino fundamental. A partir dessa premissa analisaremos como se dá ou não, a inserção desse profissional em seu respectivo campo de atuação: a Educação Física escolar.

Como mencionamos anteriormente, quando um profissional não é formado em uma respectiva área, como no caso da Educação Física, ele poderá encontrar dificuldades em planejar e desenvolver suas aulas. Podemos mencionar também, que a disciplina de Educação Física não é trabalhada de forma correta e completa, pelo docente sem formação na área, ou seja, ele não abordará todos os conteúdos propostos para as aulas de Educação Física como as lutas, esportes, ginásticas, por exemplo, somente aquilo que pode ser agregado em sua atuação como no caso dos pedagogos e/ou professores regentes, que de todos os conteúdos que a Educação Física abordam somente alguns que lhes serão “úteis” para ajudar com os alunos na hora de ensinar-lhes a escrita, como brincadeiras que trabalham motricidade fina e algumas brincadeiras cantadas.

Para Hess e Toledo (2016, p. 171), esses professores polivalentes sentem-se despreparados ao atuar nessa linha de conhecimento, pois muitas vezes os empecilhos são basicamente as experiências negativas que tiveram em algum momento de suas vidas com conteúdos ligados direta ou indiretamente com a Educação Física e a falta de domínio dos conteúdos entre outros motivos.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais os municípios na área de abrangência do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Ivaiporã, PR possuem professores de Educação Física atuando nos anos iniciais do ensino fundamental e como se configura a atuação desses professores?

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Pesquisar quais os municípios na área de abrangência do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Ivaiporã, PR possuem professores de Educação Física atuando nos anos iniciais do ensino fundamental e analisar como se configura a atuação desses professores.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar os municípios na área de abrangência do NRE de Ivaiporã, PR que possuem professores com formação em Educação Física atuando nos anos iniciais do ensino fundamental;
- Pesquisar qual é o perfil dos professores com formação em educação física que atuam nos anos iniciais;
- Compreender a percepção destes professores com relação às aulas de educação física nos anos iniciais;
- Identificar e analisar como os professores desenvolvem as práticas pedagógicas desde os aspectos de planejamento, desenvolvimento e avaliação até questões de recursos e estruturas que disponibilizam na sua atuação docente;

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Segundo a Lei e Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDB) a Educação Física tornou-se obrigatória na Educação Básica. Até então a mesma encontrava-se inserida na lei, porém não era obrigatória sua prática no âmbito escolar. “A Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar [...] (BRASIL, 1996)”.

A Educação Física na perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trata-se de um:

[...] componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2018, p. 209).

E ainda a prática da Educação Física oferece aos alunos:

[...] a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BRASIL, 2018, p. 209).

A partir dessa premissa a própria BNCC, menciona um elemento importante a respeito da prática da Educação Física: a autonomia, desenvolvida por ela. Portanto, é essa disciplina que poderá desenvolver através do movimentar-se, a autonomia perante as manifestações da cultura corporal dos discentes.

O aluno possuindo autonomia conseguirá atribuir o senso crítico e emancipado, problematizando e buscando respostas para as mais variadas situações da sociedade.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para a sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a

capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica (KUNZ, 2004, p.31).

Kunz (2004) classifica quatro concepções na Educação Física, sendo elas: a) Biológico-funcional; b) Formativo-recreativo; c) Técnico-esportivo e d) Crítico-emancipatória.

A concepção biológica-funcional é retratada pelo autor, como algo voltado especificamente para o condicionamento físico, sendo trabalhada nessa perspectiva a “transmissão da quantidade e da qualidade de exercícios físicos em um nível ótimo de acordo com a idade e o sexo, com o sentido de promover a saúde” (KUNZ, 2004, p.106).

A concepção formativo-recreativa tem como foco desenvolver e estimular a “formação da personalidade e de habilidades motoras gerais, [...] desenvolver atividades coletivas de movimentos e jogos, evitando especialmente a competição e o treino e priorizando o prazer e a espontaneidade dos alunos” (KUNZ, 2004, p.106).

A terceira concepção é a técnica-esportiva, que busca por desenvolver o “rendimento esportivo” (KUNZ, 2004, p.106), por meio das técnicas abordadas no esporte.

A quarta e última concepção é a crítico-emancipatória, que busca “o desenvolvimento de competência objetiva, tornando o aluno um adulto crítico e emancipado” (KUNZ, 2004, p.106), ou seja, a concepção crítica-emancipatória trabalha em estimular o discente a pensar e refletir, questões sobre ele, o outro e a sociedade onde estes se inserem, questionar elementos e buscar outras respostas, fazê-lo não se contentar com o mínimo de informações, mas instigá-lo a encontrar outras argumentações que estimule o conhecimento.

Kunz (1991, p.175-6 apud KUNZ, 2004) fala sobre as estratégias usadas pelos professores, acerca da concepção crítico-emancipatória para com os alunos, conhecida também como “transcendência de limites”, essa mesma decorre da equiparação do professor com o aluno, instigando-o a buscar por respostas e ao confronto de questões. Essa transcendência deve se manifestar de maneira

- Que os alunos descubram, pela própria experiência manipulativa, as formas e os meios para uma participação bem – sucedida em atividades de movimento e jogos;
- Que os alunos sejam capazes de manifestar pela linguagem ou pela representação cênica, o que experimentaram e o que aprenderam numa forma de exposição que todos possam entender;
- Por último, que os alunos aprendam a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado

cultural dessa aprendizagem, seu valor prático e descobrir também o que ainda não sabem ou aprenderam (KUNZ, 1991, p.175-6 apud KUNZ, 2004, p.124).

É nas aulas de Educação Física que o professor trabalhará problematizações em que, elas serão submetidas a encontrar soluções para as tais, desenvolver afetividade, cooperação e o seu se movimentar. Se não houver esse processo que instigue curiosidade acerca do conhecimento, isso certamente os impossibilita de buscar e/ou questionar essas problematizações; desta forma os discentes estarão sujeitos a se tornarem adultos com falta de entendimento e compreensão, sem desejos e anseios.

Manter o ser humano distante ou afastado do real e do sensível à sua cultura, ao seu modo de agir, pensar e sentir, é fragmentar sujeito e conhecimento, é evitar o conhecer reprimido a curiosidade e a paixão pelo mundo, pelas coisas e pelo outro, é mantê-lo na ignorância. Pode-se facilmente identificar onde e quando esses momentos acontecem na escola [...] na proibição de falar, no desencorajamento de expressões de afeto ou de emoção, como o riso e o choro; pela censura a atitudes infantis; pela separação em meninos e meninas e, principalmente, pelo controle e disciplinamento de seu se movimentar (KUNZ, 2004, p.114).

Portanto, a emancipação é capaz de modificar os preceitos e a maneira dos discentes ver o mundo a sua volta, tornando-os indivíduos críticos.

[...] a Educação Física, conseguindo introduzir com competência e organização a formação de indivíduos críticos com perspectiva emancipadora, poderia iniciar um processo concreto de redimensionamento da educação do jovem no Brasil e ser imediatamente acompanhada pelas demais disciplinas escolares (KUNZ, 2004, p.151).

Podemos compreender que um dos papéis da Educação Física, é instigar o aluno a explorar o mundo, a buscar novos “porquês”, não apenas no que tange a comunicação verbal, mas também aquelas que advêm da comunicação corporal, do movimento, do sentir, do expressar e do desejar se sentir confiante; são questões trabalhadas no aprimoramento das capacidades, ou seja, aquelas ligadas com o desenvolvimento das “habilidades motoras amplas e finas e as tarefas motoras simples e complexas, abertas e fechadas” (KUNZ, 2004, p. 86). “Desta forma, na solução de tarefas motoras simples ou complexas, abertas ou fechadas, que é o maior interesse no ensino dos movimentos, é importante o conhecimento do sujeito a partir destas dimensões” (KUNZ, 2004, p.87). É a partir desses pressupostos que o professor conhecerá o seu aluno, e poderá contribuir no melhoramento de sua aula,

para que o próprio aluno seja beneficiado pela aprendizagem e na sua formação como ser social.

3.2 OBJETIVOS E CONTEÚDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, trazem em seus poucos anos de estudo uma bagagem de muitas experiências pessoais, e desse modo, a escola e todo o contexto de disciplinas devem garantir novas experiências que servirão para as próximas etapas da vida. Contudo, essas novas experiências serão abordadas ainda numa perspectiva lúdica, devido a sua transição do infantil para os anos iniciais.

A Educação Física, de acordo com a BNCC, é constituída por unidades temáticas, sendo elas: brincadeiras e jogos, esportes, ginástica, danças, lutas e práticas corporais de aventura. A Educação Física foi dividida em dois blocos nos anos iniciais do ensino fundamental 1° e 2° anos e 3° ao 5° ano.

[...] para aumentar a flexibilidade na delimitação dos currículos e propostas curriculares, tendo em vista a adequação às realidades locais, as habilidades de Educação Física para o Ensino Fundamental - Anos Iniciais estão sendo propostas na BNCC organizadas em dois blocos (1°e 2° anos; 3° ao 5° ano) (BRASIL, 2018).

Os objetivos da Educação Física nos anos iniciais na perspectiva da BNCC é garantir aos alunos a aprendizagem e conhecimento decorrente das experimentações além de proporcionar aos mesmos, resolução de problemáticas tanto no contexto individual quanto no coletivo (BRASIL, 2018).

E ainda tem por foco, desenvolver a concepção crítico- emancipatória, que permite aos alunos desenvolver a autonomia e o senso crítico, acerca de situações no meio e na sociedade onde está inserido, buscando por soluções, resposta e conhecimento sobre,

[...] o ensino-aprendizagem de movimentos é sempre necessário um conhecimento sobre o desenvolvimento destes movimentos em dois níveis, ou seja, na perspectiva interior, de quem realiza os movimentos, e na perspectiva exterior, o resultado dos movimentos realizados. Neste sentido a análise concentra mais sobre as possibilidades de ensinar os movimentos do que nas especificidades do mesmo na produção de rendimento (KUNZ, 2004, p.85).

Quando a problematização é apresentada aos discentes, ocorre o rompimento da educação acrítica, ou seja, aquela alienante, momento em que apenas o professor é possuidor do conhecimento e cuja função é “depositar o conhecimento sobre o discente, educação bancária” (FREIRE 1985, apud SIQUEIRA; MEDEIROS, 2018, p. 26), além de levar ao rompimento ela também oferece a autonomia aos discentes, tornando-o, pesquisadores primários da própria descoberta.

A problematização do ensino auxilia desta forma, principalmente, para o rompimento das estruturas rotinizadas das constantes reproduções e ações na Educação Física. Através da mesma pode-se fomentar um processo de permanente criação e descoberta, e para isto ela tem uma importância fundamental, pois na busca de soluções individuais ou coletivas o aluno vivencia um agir de “forma independente”, uma cooperação e uma comunicação com o grupo, e com o professor; adquire assim, um saber, experiências e conhecimentos de maior relevância para sua emancipação (KUNZ, 2004, p.192, apud SIQUEIRA; MEDEIROS, 2018, p. 27).

Desta forma, podemos identificar que a Educação Física é agente integradora do desenvolvimento total deste ser, não apenas no físico e motor, mas também nas questões de socialização que mais adiante ajudarão na sua emancipação.

3.3 ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS

Conforme explica Rodrigues, Silva e Copetti (2018, p. 288), a legislação torna obrigatória às aulas de Educação Física, porém não torna obrigatório que as aulas sejam ministradas pelo professor formado nessa área, permitindo assim, o professor regente mais conhecido como professor (a) de sala para trabalhar a disciplina de Educação Física.

Sendo assim “[...] o professor de Educação Física acaba por ocupar pouco ou nenhum espaço, ficando a mercê do processo educacional [...]” (CONTREIRA; KRUG, 2010). Podemos compreender que a atuação do professor de Educação Física está comprometida de modo que, mesmo possuindo especialização e conhecimento sobre a área, sua valorização e importância ainda são pouco reconhecidas.

Ainda para Rodrigues, Silva e Copetti (2018) os próprios professores polivalentes “Constatam o desconhecimento [...] a respeito das propostas da

Educação Física para os Aief contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais, fato que acabou por induzir a prática repetitiva” (RODRIGUES; SILVA; COPETTI, 2018, p.293).

Esses professores polivalentes não tiveram uma orientação e um conhecimento profundo sobre os objetivos e os campos a serem abordados pela Educação Física em sua formação como mostram os autores Gatti (2008 apud CRUZ; NETO, 2012, p.387) no período de formação do professor pedagogo, “apenas 7,5% das disciplinas são destinadas aos conteúdos a serem ensinados nas séries/anos iniciais do ensino fundamental”, o que nos leva a crer numa abordagem limitada dos conteúdos relacionados à Educação Física, o que na verdade não existe durante esse processo de formação dos mesmos. Lima e Ponce (2020) relatam que aqui no Brasil há:

[...] um estranho paradoxo: professores dos anos iniciais do ensino fundamental, que precisam dominar conhecimentos e metodologias de conteúdos muito diferentes, como Português, Matemática, História, Geografia, Ciências e, à vezes Artes e educação física, não recebem esses conhecimentos específicos em sua formação, enquanto que os professores dos anos finais, preparados em licenciaturas específicas, passam quatro anos estudando uma só disciplina, aquela em que serão titulados (LIBÂNEO, 2020, p. 580- 581 apud LIMA; PONCE, 2020, p.1659).

E seguindo essa perspectiva,

Constata-se que boa parte do professorado não tem domínio dos conteúdos e de métodos e técnicas de ensino, falta-lhes cultura geral de base, eles têm notórias dificuldades de leitura e de produção de textos, estão despreparados para lidar com a diversidade social e cultural e com problemas típicos da realidade social de hoje [...] (FRANCO; LIBÂNEO; PIMENTA, 2007, p.88 apud LIMA; PONCE, 2020, p.1658).

Então a partir disso podemos fazer um apontamento: como que um professor pedagogo, que teve conteúdos mínimos atinentes à área da sua formação voltada para os anos iniciais do ensino fundamental, está apto a ministrar o conteúdo de Educação Física, se até mesmo os conteúdos respectivos da sua formação são vistos superficialmente?

Segundo Rodrigues, Silva e Copetti (2018, p. 292) os professores polivalentes abordam da Educação Física apenas a prática de recreação e brincadeiras, sendo a recreação voltada mais como tempo livre do que como aula, pois os alunos ficam livres para escolher com o que e como querem fazer as dinâmicas, não aplicando qualquer perspectiva avaliativa sobre os discentes. Já nas aulas de Educação Física

as brincadeiras possuem uma objetivação de modo que, geram aprendizado e conhecimento.

Tratando da inserção e importância de professores formados na área de Educação Física, Pereira (2007 apud MOREIRA; PEREIRA, 2009, p.33) denotam que a falta de um profissional formado na disciplina de Educação Física pode gerar consequências nos anos iniciais do ensino fundamental. Estas consequências, muitas vezes, podem estar atreladas a falta de socialização, falta de conhecimento, desenvolvimento e domínio corporal, entre outras. De acordo com Moreira e Pereira (2009), são poucos os municípios que possuem esses profissionais e, quando raramente, possuem, a organização dessa disciplina é precária; "[...] é a falta de organização e sistematização da disciplina, fruto de uma preparação profissional deficiente" (FERREIRA; RODRIGUES, 2002 apud MOREIRA; PEREIRA, 2009, p.34). Já para os autores Brandl e Brandl Neto (2015) a maneira como os municípios veem a Educação Física não demonstra importância para com a mesma como disciplina;

Porém, parece que muitos municípios ainda não entendem como disciplina fundamental para a criança, mas sim como atividade, ministrada de qualquer forma e por qualquer docente, nos primeiros anos do ensino fundamental, desrespeitando e podendo prejudicar o desenvolvimento dessas crianças (BRANDL; BRANDL NETO, 2015 p.99).

Outro fator que está na contramão sobre a atuação do professor de Educação Física segundo Moreira e Pereira (2009, p. 34) é a respeito da desvalorização e consideração para com esses profissionais, partindo dos próprios funcionários e colegas de trabalho, e isso, muitas vezes, se dá devido ao processo histórico da disciplina. "Constatam indícios de discriminação a atuação docente, afirmando que isso é fruto de uma compreensão deturpada do papel da Educação Física, bem como equívocos históricos da própria área" (GONÇALVES; FERRONI, 2003 apud MOREIRA, PEREIRA, 2009, p.35).

Além de a Educação Física servir como caminho para o desenvolvimento da criança nos aspectos sociais e cognitivos, ela oferece "o desenvolvimento de todas as dimensões intelectuais, sensoriais, afetivas, gestuais" (FREIRE; SCAGLIA, 2009 apud VIANA; SILVA; FIGUEIREDO, 2020, p.59), por essa razão ela deve ser trabalhada de forma correta e por quem realmente entenda sobre. A partir dessa premissa surge a questão: Quem melhor poderá ministrar e desenvolver as aulas de Educação Física se não o professor de Educação Física?

Caso não haja um profissional formado nesta disciplina o contexto de desenvolvimento humano como um todo não será trabalhado e, conseqüentemente, as aulas de Educação Física não serão realmente aulas, e sim apenas um momento de recreação.

No ponto de vista do desenvolvimento humano (FREIRE, 1991 apud BRANDL; BRANDL NETO, 2015), quando as aulas de lateralidade, equilíbrio, coordenação motora ampla e noção de espaço-tempo não são desenvolvidos conforme deve, isso poderá gerar conseqüências relacionadas à produtividade do aluno, tornando o seu desenvolvimento integral precário, pois essas são as ações básicas para a construção desse ser.

[...] a educação psicomotora é uma educação básica para as primeiras séries do primeiro grau, pois ela condiciona todas as aprendizagens pré-escolares e escolares. Estas aprendizagens não podem ser bem conduzidas se a criança não tiver conseguido tomar consciência do seu corpo, lateralizar-se, situar-se no espaço e dominar o tempo; se não tiver adquirido habilidade suficiente e coordenação de seus gestos e movimento (LE BOULCH, 1987 apud BRANDL NETO, 2015, p.100).

Dessa forma podemos ver que não se trata apenas de cumprir uma lei sobre a necessidade da Educação Física, mas uma preocupação de quem irá ministrar essas aulas e da importância desse professor formado, auxiliando de forma correta no desenvolvimento integral da criança, pois não basta ter a obrigatoriedade de ter as aulas de Educação Física se ela não for aplicada como deve.

Rodrigues, Silva e Copetti (2018, p. 297) frisam que os professores polivalentes compreendem que a Educação Física é importante e que ela auxilia no desempenho dos alunos mediante as outras disciplinas. “[...] apontando o benefício das práticas corporais sobre processos de memória, atenção, tempo de reação, conseqüentemente levando a uma melhora no desempenho escolar das crianças (CHADDOCK et.al. 2011 apud RODRIGUES; SILVA; COPETTI, 2018 p.289)”.

Brasil (2018, apud RODRIGUES; SILVA; COPETTI, 2018, p. 298) afirma que a Educação Física tem objetivos próprios, e eles são: promover e incentivar a saúde, desenvolver ações motoras e a interação sociocultural, utilizando-se da prática corporal.

Dessa forma o professor formado em Educação Física é o melhor e mais indicado para trabalhar e desenvolver tais conceitos, ele é o único que proporcionará aos alunos um conhecimento aprofundado e uma formação completa através do

"[...] conteúdo básico necessário à formação integral da criança" (BERSCH et.al., 1996 apud BRANDL; BRANDL NETO, 2015 p.101).

De acordo com Brasil (2018, apud RODRIGUES; SILVA; COPETTI, 2018, p. 298) a Educação Física tem objetivos próprios, e eles são: promover e incentivar a saúde, desenvolver ações motoras e a interação sociocultural, utilizando-se da prática corporal. Dessa forma o profissional formado em Educação Física é o melhor e mais indicado para trabalhar e desenvolver tais conceitos, ele é o único que proporcionará aos alunos "[...] o conteúdo básico necessário à formação integral da criança" (BERSCH et.al., 1996 apud BRANDL; BRANDL NETO, 2015 p.101).

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DO ESTUDO

Esse estudo possui caráter qualitativo, pois “a pesquisa visa entender e analisar a lógica dos processos e estruturas sociais a partir das análises em profundidade de um ou poucos casos particulares” (ALONSO, 2016, p.08). “[...] a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa” (CRESWELL, 2007 p. 188).

De acordo com Creswell (2007), a pesquisa qualitativa também pode ser entendida como: “[...] um método que tem por finalidade pesquisar e entender como o ser social está envolvido, em questões/ problemas relacionados ao meio em que está inserido e ainda a partir dessa emblemática o pesquisador obtém dados que o auxiliam em sua pesquisa” (CRESWELL, 2007, p. 26).

Segundo Dalfovo, Lana e Silveira (2008) a abordagem qualitativa trata-se de uma pesquisa que não se baseia em números e sim de dados qualitativos, ou seja, com coletas de informações feitas pelo pesquisador, sem a representatividade de números.

Para além, a pesquisa caracteriza-se como descritiva. Essa pesquisa visa descrever determinados fatos ocorridos numa comunidade. Ela “pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

A pesquisa descritiva para Gil (1999, p. 44) “[...] tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis”. Para o autor, as pesquisas descritivas podem ser aquelas que têm o foco voltado a analisar “as características de um grupo”, aquelas que analisam o “atendimento” do setor “público de uma comunidade” ou aquelas que buscam evidenciar a “associação” entre determinadas variáveis (GIL, 1999, p.44).

4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa contou com a participação de seis professores, que puderam e/ou tiveram disponibilidade em realizar a entrevista no período definido para a coleta de

dados, formados na área de Educação Física atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas da rede pública municipal situadas na área de abrangência do Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã, PR.

Figura 1 - Mapa delimitação dos municípios



Fonte: SEED, 2021.

4.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada com os professores de educação física. Para saber qual o perfil dos professores, aspectos referentes aos conteúdos trabalhados, condições das escolas, estrutura, materiais, etc.

As entrevistas podem ser consideradas,

Como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1999, p.117).

Na opinião de Alonso (2016), as entrevistas têm como foco a coleta de opiniões, experiências e valores. E segundo Gil (1999), ela é uma das formas utilizadas no contexto das ciências sociais, com o foco voltado para diagnosticar.

Essa técnica se torna muito eficaz, pois, “[...] acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (SHEIITIZ *et. al.*, 1967 apud GIL, 1999, p. 117).

As entrevistas semiestruturadas ou por pautas, podem ser apresentadas como aquelas que, [...] apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistado vai explorando ao longo do seu curso. [...] O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que se refere às pautas assinaladas (GIL, 1999 p. 120).

As entrevistas foram agendadas antecipadamente com os professores que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foram realizadas por meio da Plataforma Google Meet, gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

4.4 FORMA DE ANÁLISE DOS DADOS

Podemos entender a análise de conteúdos como um "conjunto de técnicas de exploração de documentos, que procura identificar os principais temas abordados em um determinado texto" (OLIVEIRA *et. al.* 2003, p.05). Algumas etapas são necessárias para estruturar essa análise, e elas, segundo Oliveira *et. al* (2003, p.06), têm como foco estabelecer e "classificar as unidades de sentido", adotando os novos preceitos obtidos a partir dessa análise.

Segundo Bardin (1977) a análise dos dados se classifica em cinco fases. A primeira etapa da análise se configura na organização do material da análise, e ela se estrutura em três momentos: a) pré-análise, b) exploração do material e c) tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

- Pré-análise: esta etapa consiste em organizar os dados obtidos a partir da coleta de dados. Nela é possível “estabelecer um programa [...] de novos procedimentos no decurso da análise” (BARDIN, 1977, p.95); ou seja, ela permite que outros instrumentos possam ser usados durante o processo de análise do projeto,

-Exploração do material: depois que as informações da pré- análise estiverem finalizadas e de acordo com o esperado, o pesquisador deverá codificar os resultados brutos e torná-los válidos, havendo transformação desse material em resultados mais ‘refinados’,

-Tratamento dos resultados obtidos e a interpretação: nesta fase os resultados brutos deverão passar por um processo estatístico avaliativo rigoroso, onde permitirão que esses mesmos resultados tornem-se válidos, buscando dados concisos voltados ao foco da investigação deste trabalho: qual o número de professores de Educação Física atuando nos anos iniciais do ensino fundamental, qual o perfil destes professores e etc. A partir disso o pesquisador poderá “adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos” (BARDIN, 1977, p. 101).

A segunda etapa é a codificação, para esse mesmo autor ela trata-se da transformação sistemática dos dados brutos da análise, onde possibilita o pesquisador organizá-los em classes e/ou unidades, de forma que as características sejam condizentes com o texto. “A codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (HOLSTI, 1969 apud BARDIN, 1977, p. 103).

A terceira etapa destacada por Bardin (1977) é a categorização. “A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação [...], reagrupamento segundo o gênero” (BARDIN, 1977, p. 117), ou seja, a categoria é uma classe onde reúne respectivamente assuntos e informações de um determinado tema “[...], por exemplo, todos os temas que significam a ansiedade, ficam agrupados na categoria ansiedade” (BARDIN, 1977, p. 117); desta forma podemos entender que a categorização é basicamente a divisão de determinados em suas respectivas categorias.

Quarta etapa é a inferência (dedução), nesta fase o pesquisador trata de fazer as possíveis deduções sobre os resultados obtidos, a partir da coleta de dados se tornarem realmente válidos e assim, ele atribui valores significativos a sua pesquisa “[...] a intenção de qualquer investigação, é de produzir inferências válidas” (HOLSTI, 1969 apud BARDIN, 1977, p. 136).

A quinta e última fase é o tratamento informático, essa fase permite ao pesquisador transferir aos indicadores grande parte dos resultados obtidos na coleta de dados, de modo que facilite a organização do mesmo. Esta é uma ferramenta útil, pois possibilita uma maior “rapidez”, “[...] acréscimo na organização da investigação; flexibilidade” (BARDIN, 1977, p.144) etc., então se pode concluir que esta forma de tratar os dados pode ajudar e facilitar a vida do pesquisador.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos com a realização desta pesquisa. Iniciamos apresentando os dados oriundos do levantamento inicial para identificar os municípios da área de abrangência da pesquisa que possuem professores com formação em educação física atuando nos AIEF.

Quadro 01 – Municípios pertencentes ao NRE de Ivaiporã que possuem professores com formação na área

Município	Número de Profs. EDF
Arapuã	00
Ariranha do Ivaí	00
Cândido de Abreu	01
Godoy Moreira	01
Grandes Rios	00
Ivaiporã	00
Jardim Alegre	00
Lidianópolis	00
Lunardelli	02
Manoel Ribas	00
Rio Branco do Ivaí	03
Rosário do Ivaí	01
São João do Ivaí	05
São Pedro do Ivaí	07
Total:	20

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2021/2022.

Nota-se que, do total de municípios, apenas metade deles possui professores com formação na área atuando nos AIEF. Dentre aqueles que possuem o professor, cabe destacar, entretanto, o número reduzido de profissionais o que pode implicar no não atendimento de toda a demanda do município, ou mesmo, no reduzido número de aulas semanais de educação física.

5.1 PERFIL DOS PROFESSORES ATUANTES NOS AIEF

Sabe-se que o perfil dos professores pode influenciar diretamente no desenvolvimento das práticas pedagógicas nas escolas. Como sabemos pode haver

vários fatores influenciando a inserção de professores de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental, e alguns deles podem estar relacionados diretamente com o sexo, idade e também o tipo de formação que este profissional obteve como mostra o quadro 2. Importante ressaltar que são apresentadas as características dos professores que aceitaram participar da pesquisa, ou seja, do total de 20 professores, apenas 6 aceitaram o convite e/ou alegaram disponibilidade para a entrevista no período de coleta de dados.

Quadro 2 – Caracterização dos participantes

Professor	Sexo	Idade	Formação
P1	Masculino	31 anos	Graduação em Educação Física – licenciatura 2011 (UCP) e Bacharel – (2014 UCP) Especialização em Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos- EJA, Educação Quilombola/Indígena e Psicomotricidade.
P2	Masculino	33 anos	Graduação em Educação Física Licenciatura - (UNOPAR 2010) Bacharel (UNOPAR) 2014, Pedagogia- ano não informado Especialização em Educação Escolar, Educação do Campo, Educação Especial, e Transtornos Globais do Desenvolvimento.
P3	Masculino	34 anos	Graduação em Educação Física licenciatura- (UNOPAR)- 2019 Especialização em Educação Infantil, Gestão Escolar, Educação do Campo.
P4	Masculino	27 anos	Graduação em Educação Física- licenciatura (UNOPAR) – ano não informado Especialização em Libras, Educação Infantil e Educação do Campo.
P5	Masculino	50 anos	Graduação em Educação Física- licenciatura (UNOPAR)- ano não informado. Especialização em Educação Física escolar e Educação Física do Campo.
P6	Masculino	32 anos	Graduação em Educação Física- licenciatura (UNOPAR)- 2013 Especialização em Educação Física escolar (UNIMA)- 2020/21

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Além do fato dos professores serem licenciados pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, em curso na modalidade EaD, com exceção do professor P1,

outro ponto que vale ser destacado é que todos são do sexo masculino, com idades entre 27 a 50 anos.

Já em relação à formação dos professores, deduz-se pelo tempo de formação indicada no quadro 2, que a opção por fazer um curso na modalidade EaD, pode estar atrelado ao fato do tempo e flexibilidade de horários, por questões financeiras e o tempo de formação. Outro fato que poderia ter os levado a cursar essa forma de ensino seria a ausência de instituições de graduação nos municípios onde os mesmos residem, porém como se trata de municípios da área de abrangência do NRE de Ivaiporã, existe a opção de cursos em municípios vizinhos como no caso de Ivaiporã, que conta com a presença de uma Universidade pública, gratuita, presencial e de qualidade, com um corpo docente formado por doutores que se dedicam de forma exclusiva ao ensino, pesquisa e extensão.

Mas como se trata de uma área voltada para o âmbito escolar, o curso a distância pode afetar a qualidade do ensino, devido ao contato reduzido entre o licenciando com o campo de atuação. Segundo os autores Fonseca e Fernandes, (2017) a educação/formação a distância é reconhecida, principalmente, por não haver contato direto entre aluno e professor, além é claro de ser mais viável financeiramente.

No que se refere à formação, especificamente, formação continuada, nota-se que neste caso há uma necessidade de formação em áreas específicas relacionadas às características do contexto de atuação. Os professores devem sempre buscar conhecimento atualizado de modo que atenda as necessidades dos alunos na medida em que a sociedade vai se modernizando como afirma Tozetto (2017), “[...] o professor não poderá limitar-se a simples transmissão de conteúdo; faz-se necessário uma formação continuada que considere a ação docente em sua amplitude e complexidade e de maneira concreta e continua” (TOZETTO, 2017, p. 24538).

Para além desses fatores, buscou-se aprofundar outros aspectos sobre a atuação profissional destes professores. Estas informações foram sintetizadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Atuação profissional

Professor	Forma de contratação	Tempo de atuação	Carga horária	N de escolas que atua	Renda mensal (educação básica)	Outras atividades profissionais
P1	Concurso público	09 anos	40h	02	R\$ 3.000,00	Não possui
P2	Concurso público	12 anos	40 h	01	R\$ 3.000,00	Árbitro de futebol de campo e futsal
P3	Concurso público	05 anos	20 h	02	R\$ 2.000,00	Não possui
P4	Concurso público	07 anos	20 h	02	R\$ 2.200,00	Não possui
P5	Concurso público	06 anos	20 h	02	R\$ 2.000,00	Professor Educação Básica
P6	Concurso público	09 anos	40 h	03	R\$ 3.200,00	Não possui

Fonte: Dados da pesquisa (2021/2022).

Com as informações obtidas, nota-se que todos os professores possuem vínculo de contratação por meio de concurso público, o que proporciona a eles uma estabilidade financeira melhor, além de permiti-los conhecer melhor seus alunos, ou seja, saber em qual estágio de desenvolvimento aquela criança se encontra.

Já para os discentes, esse fato de os professores serem concursados também pode ser considerado como ponto positivo, pois terão docentes com preparo adequado e conhecimento necessário que os ajudarão em seu desenvolvimento motor e psicossocial. É errado crer que alguém consiga ensinar não tendo conhecimento, sobre determinado assunto.

Ninguém facilita o desenvolvimento daquilo que não teve oportunidade de aprimorar em si mesmo. Ninguém promove a aprendizagem de conteúdos que não domina, a constituição de significados que não compreende nem a autonomia que não pôde construir. É imprescindível que o professor que se prepara para lecionar na educação básica demonstre que desenvolveu ou tenha oportunidade de desenvolver, de modo sólido e pleno, as competências previstas para os egressos da educação básica (MELLO, 2000, p. 102).

Sendo assim, essa forma de contratação tornará o ambiente escolar um local possível de realizar e desenvolver um trabalho contínuo, diferente de casos de contratação de professores temporários que ocasiona uma grande rotatividade de professores nas escolas.

No quesito remuneração, embora atuem em municípios diferentes, nota-se que os professores com 40h/a e aqueles com 20h/a recebem um salário muito próximo, que se torna desproporcional ao relacionar a carga horária e, mesmo se considerar o tempo de atuação e os possíveis adicionais por tempo de serviço.

A ampliação das atividades e das várias funções desempenhadas pelos docentes, associada à compressão dos tempos para a sua realização, tem acarretado uma intensificação e uma extensão do tempo de trabalho não remunerado, sobrecarregando os docentes [...]. Ademais, tal processo não é acompanhado por condições objetivas de trabalho e de retribuições salariais correspondentes e/ ou dignas (ROCHA; MELO, 2019, p. 04).

Neste ponto de vista podemos identificar uma lacuna dos próprios municípios em relação ao salário desses professores, ou seja, em alguns municípios não era cumprida a lei para o pagamento do Piso nacional do magistério. Como aponta Ribeiro (2020), existe uma importância financeira atribuída a reparos das intuições de ensino e para salário adicional dos professores da rede básica.

Em decorrência dos aspectos que culminam à precarização do trabalho docente, alguns professores necessitam buscar outras atividades profissionais para complementar e/ou melhorar a sua renda em outras atividades profissionais, como apontado no quadro 3. Tal qual apontado por Favatto e Both, essa questão leva muitos professores a buscar outros ofícios, além da docência, uma vez que a insatisfação dos docentes com a remuneração colabora para a procura de outros meios e atividades para complementar sua renda familiar (FAVATTO; BOTH, 2019, p. 131).

Diante das inúmeras dificuldades que se apresentam a carreira docente, buscou-se compreender se a inserção destes professores nos anos iniciais do ensino fundamental foi uma opção profissional ou uma oportunidade.

“Ela foi uma oportunidade” (P1).

“Na verdade foi uma oportunidade que surgiu naquele momento [...]” (P2).

“Olha, foi... Sendo bem sincero pra você, foi... Há tempos, era opção, depois foi, depois que a gente, depois que a gente ingressa mais, vai pegando mais experiência, eu é meu ponto de vista [...] A princípio foi uma escolha, mas depois foi uma vou falar pra você que dependendo da situação eu nem tocaria mai como educador, porque é concurso e daí a gente tem certa estabilidade, mas hoje em dia não me agrada muito.” (P3).

“A princípio uma oportunidade e depois se tornou uma opção também, eu prefiro, depois por mim achar que eu me encaixar, me encaixei muito bem nessa área [...]. (P4).

“Foi uma opção minha mesmo. É claro que teve a oportunidade do concurso. Não poderia ter, não poderia perder né? Mas assim, é eu acho que é o que eu queria pra minha vida, ser um professor atuando nessa área” (P5).

“Não, foi opção minha mesmo. Eu vim por opção. Até quando entrei no concurso eu pensei: é agora [risos].” (P6).

Como podemos notar, os professores P1 e P2, relatam que o trabalho como professor de Educação Física foi uma oportunidade que surgiu de empregabilidade em um determinado momento de suas vidas. Para o professor P4 a princípio também era uma oportunidade, contudo com o passar das experiências obtidas o mesmo mostrou maior interesse pelas atividades desenvolvidas, o que o levou a permanecer nessa área. Já o professor P3 mostra uma decepção ao relatar que no início era uma opção, uma escolha feita por ele, porém, ao longo do tempo o mesmo mostra que não sente mais interesse atuar como professor, levando-o a permanecer no cargo somente por conta da estabilidade que o concurso pode ofertar.

Os professores P5 e P6 também deixam evidente que optaram por atuar nos anos iniciais, pois era algo que os mesmos queriam. Em um momento da entrevista o professor P5 afirma que foi uma opção, porém, destaca que houve a oportunidade de fazer o concurso, caso não tivesse essa oportunidade consequentemente não teria a possibilidade de estar atuando.

Essa inserção pode ser dividida em duas vertentes:

[...] pela escolha consciente dos professores de Educação Física, planejada e batizada por critérios pedagógicos ou uma mera necessidade de inserção no mundo do trabalho, como uma oportunidade de trabalho que surgiu ou a que restou entre as diversas possibilidades (MARTINS, MELLO, 2019, p. 164).

Como podemos ver tanto a escolha ou a oportunidade, permitiram a inserção destes profissionais nos anos iniciais.

5.2 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A EF NOS AIEF

Para compreender a percepção dos professores sobre a EF nos AIEF os relatos obtidos na entrevista foram organizados nas seguintes categorias temáticas: concepção sobre EF nos AIEF; objetivos; importância do professor com formação na área; interação com os professores regentes (pedagogos).

5.2.1 Concepção dos professores sobre EF nos AIEF

Se analisarmos algumas competências específicas da Educação Física no ensino fundamental, iremos verificar que de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais a Educação Física é “uma área de conhecimento que introduz e integra os alunos na cultura corporal do movimento, com finalidade de lazer, de expressão, de sentimentos, afetos e emoções, de manutenção e melhoria da saúde” (BRASIL, 1997, p. 62).

De acordo com a BNCC, a Educação Física confere:

[...] possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica (BRASIL, 2018, p.209).

Já para os autores Lopes e Silva (2021) a EF é:

Um campo que discute a cultura corporal e que tem como objetivo integrar o aluno nessa cultura, proporcionando sua formação integral. Assim, o educando passa a ser capacitado para seu desenvolvimento em busca de seu bem estar e de um crescimento saudável (LOPES; SILVA, 2021, p. 113).

E, ainda, afirmam que a Educação Física “deve objetivar o desenvolvimento global dos alunos tornando-os criativos, dinâmicos, responsáveis e independentes” (LOPES; SILVA, 2021, p. 114).

Nos destaques acima vemos que a EF busca sempre auxiliar o desenvolvimento dos discentes, garantindo que eles possam adquirir sua própria autonomia através das experiências. A entrevista possibilitou analisar a compreensão dos professores sobre o componente curricular neste nível de ensino.

“Olha pra mim a educação física é amor! É amor porque assim, eu gosto muito do que faço, tanto que eu falava assim “eu queria ser professor de educação física de escola” e eu sou hoje, sabe?! Tenho bacharel? Tenho, mas assim, eu falo, você quer me ver infeliz é me botar numa academia (risos). Não, não é pra mim, não é pra mim, eu não gosto, né a gente estudou beleza, mas assim não é pra mim. Pra mim a educação física escolar é amor, é você ter compreensão, é você ter que ser professor, ser um pai, ser um irmão, ao mesmo tempo, né?! Que precisa ‘tá’ ali atento, porque, às vezes, a sua aula, que você observa sinais que a criança ‘tá’ dando, que ele não ‘tá’ dando dentro da sala de aula. Eu falo assim, é pra mim eu definiria assim como uma questão de amor e paixão mesmo” (P1).

“Eu defino que é muito importante. Se não for a mais importante está entre as duas primeiras. Porque é ali que a gente consegue ajudar a criança na lateralidade, numa dificuldade, deslocamento, de visão, a gente consegue enxergar várias coisas ali que a gente pode resolver lá embaixo pra chegar lá em cima, já não tá no adulto, uma pessoa melhor, tanto fala assim na aula. Se você fazer bagunça não vai pra educação física, né? Então pra mim é essa frase já define tudo” (P2).

“É, eu, pra mim, é base. É base pra, pra depois vim às outras. Através dela que o aluno vai começar a desenvolver todas as outras coisas. Ele vem com a fala ali, e o andar, mas, vai ter funções a partir da base, da educação física, que ele vai começar a desenvolver os outros. É importante, é. É questão de como eu falei para você de adaptação de grupo, [...] começar a criar aquela imagem que a escola não é aquele lugar só de estudar, só de copiar. É, lá é uma família. [...] Além disso, eles precisam desenvolver a si mesmos. O próprio deles, entendeu? Isso é muito importante, eles fazerem o que eles querem, coisas legais, sabe? Autonomia, entendeu? O quinto ano já preparo eles para o sexto e sétimo. É sempre mais conteúdo, [...] Você tem que ter a teoria e tem que ter a prática” (P3).

“Então, muito importante! [...] as crianças na escola, ela aprende brincando. Então as professoras ali, eu vejo, o quanto o trabalho delas também é voltado ao lúdico. Então a gente tem muita interação. [...] Então a educação física entra pra ajudar, pra sanar nesse trabalho. Então eu acho que a educação física é muito importante ali, ajuda completamente. Muda demais as crianças é... nos aspectos lúdicos, na coordenação. É tanto que ajuda as aulas de artes também, na própria escrita do aluno, na leitura, no próprio desenvolvimento em si” (P4).

“A educação física escolar eu posso dizer que ela é fundamental pra base da criança, porque eu acredito que tem muitas escolas que essas crianças, elas saem para a nova etapa da vida delas e elas chegam na rede estadual depois, a grande maioria, é onde eu trabalho, elas chegam com defasagem de coordenação motora. [...] eu vejo a educação física fundamental, principalmente na nossa região aqui. Chegando no quinto ano, de quarto pra quinto anos, você já tem que começar a trabalhar um pouco mais de parte específica com relação aos esportes né eu vejo que elas chegam no sexto ano um pouco perdidas, você tem que inicia rum trabalho totalmente lá desde o início. Eu acho que essa formação pra essas crianças na rede municipal seria importante nesse aspecto. [...] Mas assim, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano, eu vejo a educação física com mais, pra eles conhecerem o próprio corpo, pra eles terem melhor coordenação motora, lateralidade e é claro não deve deixar as brincadeiras, eu trabalho muito com a recreação com as crianças [...]” (P5).

“Nossa! Que coisa hein?! Em uma palavra não consigo dizer. Olha, não sei escolar, você consegue tudo. É lá que você envolve tudo na criança, lá do maternal até o segundo ano é onde você consegue construir o motor da criança. Então a criança que faz a EF escolar a chance dela se desenvolver melhor em outra área, pra mim é, maior do que quem não tem acesso a esse tipo de conteúdo. Então a EF escolar transforma a criança, transforma, prepara, ensina e que trabalha” (P6). explicar, é um misto. Eu acho que a EF escolar de tudo que já, tudo que já vi, pra mim, é minha paixão, eu adoro o que faço.

Em todas as falas, os professores apontam de forma rasa sobre o papel da Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental, isso pode estar atrelado à

formação que estes professores tiveram durante a graduação, embora alguns citem brevemente alguns aspectos trabalhados na disciplina fica evidente que a EF se limita sob visão e percepção desses professores. Podemos afirmar que a Educação Física é uma disciplina que permite o autoconhecimento e o desenvolvimento das crianças referentes aos aspectos individuais, sociais, etc. “[...] cabe advertir que é por meio da educação física que a criança explora seu corpo, interage com os outros corpos e desenvolve seu crescimento cognitivo” (LOPES; SILVA, 2021, p. 111), porém cabe ao docente formado na disciplina, trabalha-la de forma completa.

5.2.2 Objetivos da EF nos AIEF

É muito importante a compreensão dos objetivos da Educação Física para facilitar o andamento das aulas e para o planejamento dos conteúdos, além de estabelecer o desenvolvimento de experiências e oportunidades individuais e sociais.

A Educação Física deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando o aprimoramento como seres humanos numa perspectiva metodológica, da cooperação, da participação social e da afirmação de valores e princípios democráticos, abrindo espaço para a discussão sobre aspectos éticos e sociais. Em sua prática, deverá favorecer a autonomia dos alunos pra monitorarem as próprias atividades, regulando o esforço, traçando as metas, conhecendo as potencialidades e as limitações, e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais (GRESPLAN, 2002, p. 84 apud SOARES, 2012, p. 18).

Deste modo, segundo a BNCC a Educação Física busca “interpretar e recriar os valores e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como os sujeitos que dela participam” e “reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos” (BRASIL, 2018, p. 219).

Buscamos entender, a partir disso, qual a visão dos professores em relação aos objetivos da Educação Física nos AIEF.

“Os objetivos assim que eu vejo, a questão é trabalhar, desenvolver as capacidades físicas deles, não só físicas, como psicológicas. Também, é trabalhar toda essa questão de como eu falei, lateralidade, equilíbrio, força, agilidade. Para que lá na frente sendo trabalhado uma educação física de qualidade, agora no começo, lá teremos cidadãos com menos dificuldade de aprendizado, quem sabe futuramente atletas. [...] Que é não é só vencer, não é só jogar bola, que a educação física pode ser trabalhada de inúmeras formas” (P1).

“Ah, questão de formação de pessoas. [...] Então essas questões de competitividade, de ensinamento, como é que eu posso dizer pra você? Eu gosto de trabalhar muito a prática, o saber. Eu quero criar isso na pessoa, pra pessoa não ficar acomodada [...] Competição na minha aula querendo procurar toda hora está ganhando do outro ali pra não ficar pra trás” (P2).

“A interação, desenvolvimento da criança, num contexto geral. Sei lá, desenvolvimento da criança, né? Eu acredito que sim, trabalho no desenvolvimento, do ser, do desenvolvimento do corpo, da mente. Desenvolvimento mesmo para a vida” (P3).

“Há eu acredito que a socialização das crianças [...] e começa ali sobre regras, sobre um conhecimento de regras e aprender a obedecer as regras, então é muito interessante essa parte. A coordenação, a própria coordenação ali da criança. Trabalho muito com essas crianças, trabalho muito circuito motor. Então é muito, muito importante. É aspecto saudável também trabalho muito com essas crianças, aspecto saudável de alimentação e da própria higiene [...]” (P4).

“[...] você pega o quinto ano se você vai trabalhar você pega um esporte, por exemplo, o futsal ir preparando essa criança na seguinte na relação com as regras básicas, com relação aos fundamentos. Dos fundamentos básicos pra que ele chegue lá no sexto ano, pra que ele não tenha essa dificuldade. [...] Mas assim, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano eu vejo a educação física com mais, pra eles conhecerem o próprio corpo, pra eles terem melhor coordenação motora, lateralidade. E, é claro, não deve não deixar as brincadeiras raízes, as recreações, eu trabalho muito com a recreação com a com as crianças” (P5).

“Eu trabalho muito com a socialização, deixo o esporte meio que de lado, como falei, só pincela algumas coisas, mas é feito mais, um trabalho mais de socialização, fora o conteúdo o componente, eu trabalho mais o social” (P6).

Como podemos notar, os professores realizam trabalhos com o foco voltado nas experiências, sejam elas de cunho individual, como na fala do professor P2, como no âmbito social, fala dos professores P3, P4 e P6.

Enquanto que os professores P1 e P5 optam por atividades que possuem como objetivo trabalhar os aspectos de autoconhecimento, lateralidade e força. De modo geral, fica evidente que a maioria dos professores entendem que o objetivo principal das aulas nos anos iniciais é voltado para as questões de socialização e de coordenação motora, porém não expressam com clareza, sendo vista mais uma vez de modo superficial. Sobre a importância da socialização Gonçalves e Gomes (2019) afirmam que é possível que se potencialize situações e tomada de consciência onde se tem um favorecimento da construção do conhecimento.

Os mesmos autores afirmam também que “A interação entre as crianças no ambiente escolar é muito importante visto que é por meio dela que tem-se a

formação de discussão, opinião, discordâncias contribuindo para a aprendizagem de maneira significativa” (GONÇALVES; GOMES, 2019, p.05).

É de grande valia trabalhar essa temática nas aulas de Educação Física, visto que a mesma possibilita, através do convívio da criança com o meio, o desenvolvimento e a construção do conhecimento, permitindo e possibilitando-o a preparar-se para viver no âmbito social. Entretanto, a Educação Física possui objetivos mais amplos que não podem ser secundarizados, dadas as especificidades desta área do conhecimento, tais quais citados pelo PCN (1997):

O trabalho de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental é importante, pois possibilita aos alunos terem, desde cedo, a oportunidade de desenvolver habilidades corporais e de participar de atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções (BRASIL, 1997, p. 15).

5.2.3 Conteúdos da EF nos AIEF

De acordo com Darido (2012, p.52) “o termo conteúdo foi e ainda é utilizado para expressar o que se deve aprender, em relação quase que exclusiva aos conhecimentos das disciplinas referentes a nomes, conceitos e princípios”. Ou seja, conteúdo é tudo aquilo que trata determinados assuntos, desde nomes até os métodos, tipos, origem, técnicas, etc.

Já Zabala (1998) destaca que os conteúdos devem ser ensinados, dentro de três eixos: conceitos e princípios, conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais. No eixo conceitual, é assegurado a “significância e a funcionalidade, que sejam adequadas ao nível de desenvolvimento que promovem uma atividade mental” (ZABALA, 1998, p. 81). No eixo procedimental, “o dado mais relevante é determinado pela necessidade de realizar exercícios suficientes e progressivos das diferentes ações que formam os procedimentos, as técnicas ou estratégias”. (ZABALA, 1998, p.83). E por fim o eixo atitudinal,

[...] muito dos valores que se pretendem ensinar se aprendem quando são vividos de maneira natural; e isso só é possível quando o ambiente de aula, as decisões organizativas, as relações interpessoais, as normas de conduta, as regras de jogo e os papéis se atribuem a uns e a outros correspondem àqueles valores que se quer que sejam aprendidos [...] esse processo deve permitir que os meninos e meninas se sintam protagonistas de suas aprendizagens e agentes na formulação das propostas de convivência e trabalho, mediante a promoção da aceitação e da internalização das

concepções e avaliações das atitudes a serem promovidas participando no controle do processo e dos resultados (ZABALA, 1998, p. 84).

Assim sendo, a dimensão conceitual, como o próprio nome declara, são os conceitos, regras e as transformações históricas das temáticas trabalhadas. A dimensão procedimental está relacionada com o processo de vivência da prática e das experiências que os alunos têm das temáticas. E a dimensão atitudinal é onde os alunos mostram com atitudes o que aprenderam nas dimensões anteriores.

Para Maldonato *et. al* (2014) “quando os professores começam a montar suas aulas englobando as três dimensões dos conteúdos existe uma maior semelhança na forma de aprender e de ensinar, melhorando a qualidade do ensino”.

Desta forma, evidenciamos que essa prática ajuda não somente o professor na organização e planejamento das aulas, mas também é uma forma de avaliar se houve aprendizagem por meio das ações dos discentes.

A partir das entrevistas podemos analisar a percepção dos professores em relação aos conteúdos da Educação Física trabalhada nos anos iniciais.

“Depende do ano. Atualmente então, entrei com o primeiro e segundo ano com dança, terceiro e quarto ano práticas corporais de aventura e agora, terceiro trimestre, nesse exato momento, mas durante o ano foi jogos e brincadeiras, lutas, danças regionais, danças indígenas e africanas, ginástica, enfim! No momento, primeiro e segundo ano danças e práticas corporais de aventura do terceiro, quarto e quinto” (P1).

“Eu trabalho bastante coisa em lateralidade, lúdico, trabalho ginástica, trabalho futebol, futsal, basquete, handebol, vôlei. Aí trabalho, eu na verdade, eu faço muita atividade de deslocamento, de salto de atletismo, eu gosto de envolver muitas atividades nessa, porque, daí futebol, futsal, o handebol fica muito complexo. É uma atividade só. E eu procuro trazer mais pro lado lúdico. Mas trabalho muito como habilidades motoras” (P2).

“É nos anos iniciais, [...] para idade, eu procuro trabalhar quase todos. Só quando não tem como, mesmo ginástica, dança e jogos, brincadeiras, esporte. [...] Você consegue um terceiro, segundo, terceiro, segundo ano para cima, já consegue fazer tudo com eles. É os pequenos, tem uma dificuldade, mas sempre eu tento focar. E futuramente eu tento trabalhar todos, todos os conteúdos básicos que eles pedem” (P3).

“Eu trabalho bastante jogos de tabuleiro, entendeu? É a gente inicia bastante jogos de tabuleiro, bastante jogos pré-desportivos. Então ali os jogos pré-desportivos do vôlei, bexiga até às vezes com a própria bola, também jogos pré-desportivos de futsal e de outros esportes, de handebol. Então a gente tenta adaptar. No quarto e quinto ano já assim, o esporte em si, daí já consigo iniciar o esporte em si mesmo com algumas regras até adaptadas. Eu consigo e bastante teatro. É eu trabalho muito também com circuito motor e também ali nós temos uma área adaptada dá pra trabalhar o atletismo pelo material, fazer uma mini iniciação de atletismo” (P4).

“[...] mais com trabalho de recreação e a parte de coordenação. Trabalho muito a questão de coordenação e joguinhos, a gente trabalha muito com joguinhos pra eles” (P5).

“De primeiro a quinto ano, como tem a BNCC, então a gente trabalha dentro da BNCC, que é os esportes, danças, tudo que, tudo que tá lá” (P6).

Observamos que todos os professores relatam trabalhar direta ou indiretamente o bloco temático esporte, com exceção dos professores P1 e P5, mostrando assim uma maior afinidade com a temática. Entretanto, observa-se também que os professores não citam de forma explícita quais conteúdos que se aborda frente aos temas da cultura corporal apresentados. As falas dos professores refletem que “a escolha dos conteúdos recai predominantemente sobre os esportes, todavia, ao permitir o planejamento coletivo, outros temas são inseridos como: esportes radicais, dança, ginástica, luta, capoeira” (FREIRE; BARRETO; WIGGERS, 2020, p.08).

Para Monteiro (2013) a Educação Física

É a única disciplina na escola que atua diretamente com o físico, movimento, jogos e esporte, oferecendo oportunidades às crianças e adolescentes para, adquirir competência de movimentos, identidades, desenvolver conhecimentos e percepções necessárias para um engajamento independente e crítico na cultura física (VOSER; GIUSTI, 2007, p. 18 apud MONTEIRO, 2013, p. 20).

Deste modo considerando as falas dos professores, fica claro que há uma concordância sobre os blocos temáticos, todavia não é informado quais conteúdos são desenvolvidos em suas aulas e as finalidades buscadas como autonomia, identidade, propor o conhecimento entre outros, na EF.

5.2.4 Planejamento das aulas pelos professores

Para haver um processo educacional é necessário o planejamento, sendo este um dos aspectos de grande relevância. Para Libâneo (1990) “o planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino” (LIBÂNEO, 1990, p. 221).

Para o mesmo autor uma das funções do planejamento é “prever objetivos, conteúdos e métodos a partir da consideração das exigências postas pela realidade social, do nível de preparo e das condições sócio- culturais e individuais dos alunos” (LIBÂNEO,1990, p. 223), além de “facilitar a preparação das aulas: selecionar o material didático em tempo hábil, saber que tarefas professor e alunos devem executar, replanejar o trabalho frente a novas situações que aparecem no decorrer das aulas” (LIBÂNEO, 1990, p. 223).

Contudo, como afirma Libâneo (1990), o planejamento serve de orientação não somente para o professor, mas também para os discentes, levando em consideração os objetivos e exigências até então estabelecidas pela sociedade.

Assim sendo, como parte da entrevista foi solicitado que os professores descrevessem como é realizado o planejamento das aulas, numa perspectiva de relacionamento com os demais professores e a forma como são tratados pela equipe pedagógica, porém a questão que diz respeito ao planejamento, ambos os professores não responderam conforme questionado. A forma de convivência entre os docentes pode afetar diretamente não só o planejamento, mas também o desenvolvimento das aulas. Sobre a questão, buscamos conhecer as estratégias usadas para realizar o planejamento nas escolas, se é realmente feito em conjunto pelo grupo de professores.

“Então minha relação com as professoras regentes é (pensamento) Posso dizer como boa sabe?! Quase assim excelente, nos damos muito bem. Elas me pedem, perguntam me questionam como está o aluno, como é na minha aula né?! Enfim, é valorização?! É digamos que hoje 2021 eu me sinto valorizado pela administração atual, certo?!” (P1).

“Olha essa questão em questão das pedagogas que com a gente eh ainda tem como que eu posso dizer assim aquele preconceito né do professor de educação física sempre o último nunca tem livro nunca tem bola nunca tem materiais nada, é sempre o último. Ainda tem esse preconceito eles, eles davam mais ênfase na com os outros professores regentes de sala educação pra artes do que pra educação física aí que nem é hoje mesmo. Hoje eu tenho duas bolas e duas cordas pra trabalhar. Né? É complicado, a gente quer fazer um trabalho diferenciado por falta de materiais à gente fica a dever, né? Em questão com os alunos, com os pais, a gente consegue ser maleável com alguns alunos, com alguns pais, né? Porque tem muitos que ainda devido ao covid, devido essa crise que a gente vive né?” (P2).

“Há é mais amigável possível, né? A gente sempre se ajudando. É, ali na escola, entrou na escola, é bacana, sabe assim, professor às vezes falta a gente, a gente vai lá e pega duas turmas de uma vez. A gente precisa fazer alguma coisa o professor Socorre a gente, a gente tenta trabalhar. É, é junto, aliás, A gente vai focar um pouquinho na no início que ela pede. A gente, gente procurar focar um pouco trabalho naquilo ali, no mais, no mais

próximo possível. Sempre uma, é (pausa) agregando os dois ali na sala e educação física” (P3).

“Olha hoje eu percebo que sim, que existe, mas quando eu entrei ali, não existia educação física na escola né, então estava ali iniciando, ai era tratado como é, como posso dizer assim? É, é porque era professor da hora atividade né? Então tinha um pouquinho de preconceito. Hoje não. Hoje não é professor da hora atividade, e sim o professor de educação infantil. Então o horário da aula de educação física. Cada turma com duas aulas. Então hoje tem pedagogas ali da escola, então a gente tem um bom relacionamento e eu é (pausa) creio que sim sou tratado mais como profissional da área do que quando iniciei” (P4).

“Então, o que eu noto, o que eu noto é assim, que a gente nós somos valorizados sim certo? Mas a gente é muito bem tratado na escola” (P5).

“Olha pelos pais e pelos alunos sim. Pela, vamos dizer, pela equipe pedagógica, a maioria, agora pelos professores é a minoria. [...] mas têm professor que não te valoriza. Entendeu?! Ai tem alguns que só quer saber da hora atividade dele, se você veio ótimo, se não veio, no outro dia tá cobrando, mas quando se vai cobrir? Oh pra ver isso, mas no geral é valorizado” (P6).

A convivência dos professores com o ambiente e com os colegas de ofício apresenta uma boa relação. Embora haja essa interação, alguns professores - P1, P2 e P6 - já vivenciaram uma desvalorização que é expressa por eles em razão da precariedade de materiais pedagógicos para desenvolver a disciplina e a questão do cumprimento da hora atividade do professor regente. Porém cabe destacar que essa desvalorização em alguns casos, pode estar ligada aos fatos de legitimização da Educação Física e também as aulas que esses professores desenvolvem, ou seja, será que as aulas ou os conteúdos que eles trabalham estão de fato sendo importantes para o desenvolvimento dos alunos, ou se configura apenas como um momento dos alunos brincarem?

Neste caso questionamos, por que ainda ocorre este descaso com o professor e com a própria disciplina, sendo que há obrigatoriedade? Se há uma lei (Lei n. 9.394/96) que assegura a obrigatoriedade da disciplina, deveria ao menos ter recursos para os mesmos trabalhar, porém esse fato da falta de materiais diz respeito aos municípios, são eles que devem garantir a qualidade e a disponibilidade dos recursos. Diante disso, exploramos a visão destes professores sobre a importância da formação na área para atuar nos anos iniciais.

“A considero hiper importante, por quê? Porque nós que estudamos, fizemos o curso, a gente já tem algumas dificuldades, né?! E cada turma, cada aluno é diferente, cada ano que acontece a, é diferente né?! E eu vejo que essas professoras pedagogas que pegam a disciplina de educação física, pegam porque sobra, não é porque elas querem, é porque precisam pegar porque não tem mais aula pra elas na sala. Então eu vejo a

dificuldade que elas têm né?! Elas não sabem o que trabalhar e o objetivo daquela atividade e o porquê trabalhar né?! Então elas ficam perdidas, é entram em contato comigo, “Professor”, o que eu posso fazer? “P1” me passa uma atividade, professor se me ajuda com o planejamento? Sabe?! De outras escolas elas entram em contato comigo, ajudo bastante as professoras do campo. As professoras do campo, elas tem aqui no município, elas tem que dar aula de todas as disciplinas, limpam a escola e fazem a merenda, pra vocês terem uma noção, né?! Então assim e elas quando me pedem ajuda, eu paro, se eu puder ajudo elas né?! Então assim eu acho que é de extrema importância sim ter um profissional né?! De educação física com a formação trabalhar com essas crianças, porque só nós que conhecemos a forma de se trabalhar, como trabalhar com eles. Não que o pedagogo não saiba né?”mas ele vai ter, eles tem uma dificuldade”... Eles têm uma dificuldade até porque é passado na faculdade pra eles bem sucinto, bem rápido, né?! A questão da metodologia da educação física né?!” (P1).

“Com certeza sim, porque é a área da gente, a gente sabe trabalhar a nossas disciplinas né? Por, o ano passado aqui trabalhava vinte horas da manhã e vinte horas da manhã e uma professora que não tem formação, então a gente mandava muito conteúdo pra casa. O meu conteúdo a minha pedagoga cobrava muito, era áudio, era vídeo, era atividades diferentes, eu não podia dar nenhuma atividade igual e já da tarde eh, eh como ela não tinha formação era muito vago o conteúdo dela, tipo assim, não criticando a pessoa, mas criticando a questão que ela não era formada, que ela não tem formação, ela não tem o conhecimento que a gente tem. Até falando assim por pela o que a gente escuta dos pais. Ah ainda bem que tem um professor da área, ainda bem que agora tem um professor de educação física. Por quê? Porque a gente sabe o que podemos realizar nas aulas, né? Como ela não é formada, E é a mesma coisas que eu não sou formado em português, em matemática e ciência, queria dar uma aula perto dum professor, não tem muito, né? Fica complicado, né?” (P2).

“Há importante, sim né? É se a gente, se a gente faz, a gente estuda, a gente sabe, é tipo assim, a gente sabe, tudo que vai ter que trabalhar. É e às vezes o professor pega qualquer professor, né? Que é um professor pedagogo. Mesmo, vai para a sala. Eles não têm formação, ele não. Talvez não vá ter o entendimento de focar no aluno para trabalhar tudo, você tem que fazer um talvez com o tempo, com o passar do tempo, com uma experiência de trabalho e vai perceber que precisa corrigir as coisas, mas a gente já está focado naquilo ali, né? Na, na, na no básico, pra mim era, eu foco muito na coordenação motora, na lateralidade, né.No desenvolvimento básico do aluno que isso vai ajudar ele pra vida toda ali, para, para, para fazer a alfabetização dele, para escrita? É. Desenvolvimento dele no geral, foco muito a participação em grupo Para que ele não tenha vergonha de apresentar um trabalho de, de chegar numa sala desde o princípio, já coloco eles participando, desde pequenininho e pego na mão. Vamos participar, vamos fazer uma brincadeira e vamos fazer uma corrente. Você vai colocar uma bola. É para que isso vai quebrar a timidez dele para que? Eu mesmo tenho uma dificuldade grande de chegar e apresentar. A gente tem que fazer porque é obrigado, mas de chegar, apresentar um trabalho em público, essas coisas eu tenho dificuldade enorme e acredito que dessa maneira, você está trabalhando desde pequeno (P3).

“Eu considero de extrema importância até porque o município onde eu moro, tem mais escolas do que outro município e um professor de educação física. Então ele atende assim, poucas escolas né, atende bem, bem menor de alunos e ainda com um tempo bem menor também. Então eu considero muito importante sim! Então, além de questões da educação física mesmo né?! Que ajuda e muito na criança, principalmente ali no começo né?! Nos

seus anos iniciais ali, na coordenação motora e na socialização principalmente essas crianças precisam muito, porque no caso do município que atuo são crianças assim carentes, e de comunidade mais rural, então assim sabe, mais tímidos, é são crianças mais quietinhas. Eu acho assim, que ajuda e muito, tanto no aspecto motor da interação é o que eu mais trabalho, participação, então eu, eu acho, que sim. Ajuda e muito. De grande importância” (P4).

“Olha eu acho muito importante ele ter essa formação nos anos iniciais É claro que tem uma grande diferença você trabalhar nos iniciais você trabalhar no município, a atenção sua é tem que ser redobrada sabe a criança necessita muito de, de atenção, ela necessita muito de aprender principalmente a coordenação motora, você tem que iniciar ir lapidando essa criança e, mas eu vejo dessa forma e tem que ser especializado se não, não você não da conta” (P5).

“Nossa! Que coisa hein?! Em uma palavra não consigo dizer. Olha não sei explicar, é um misto, eu acho que a EF escolar de tudo que já, tudo que já vi, pra mim é minha paixão, eu adoro o que faço. Porque é ali que a EF escolar, você consegue tudo. É lá que você envolve tudo na criança, lá do maternal até o segundo ano é onde você consegue construir o motor da criança. Então a criança que faz a EF escolar a chance dela se desenvolver melhor em outra área, pra mim é, maior do que quem não tem acesso a esse tipo de conteúdo, então a EF escolar transforma a criança, transforma, prepara, ensina e que trabalha” (P6).

Contudo sabemos que há essa necessidade de professores com o conhecimento aprofundado na Educação Física, não só pelo fato de saber o que fazer, mas também como fazer. “A Educação Física surge como instrumento viabilizador [...]. Sendo assim é fundamental que esta disciplina seja ministrada por um profissional que tenha conhecimento dos seus conteúdos e de sua prática” (TAFFAREL, 2003, apud ALBUQUERQUE, 2009, p. 03). Todavia o que foi informado pelos professores de Educação Física, não fica distante do que os demais professores de outras disciplinas trabalham, ou seja, os mesmos não afirmam com clareza e coesão sobre o papel da Educação Física escolar na formação dos discentes.

Dada à importância atribuída pelos professores da formação específica na área, buscamos a compreensão deles sobre o porquê em alguns municípios existe a ausência de profissionais formados atuando nessas seriações.

“Eu acho que não ocorre, é não ocorre o profissional de Educação Física “ta” ali porque não é valorizado, é eu acho que os prefeitos, eles ficam preocupados em ter um professor regente né?! Concordo saber ler, escrever, matemática é importante, mas é como eu falei o aluno ali, totalmente sendo trabalhado, desenvolvido, estimulado com as questões da educação física a gente vai ter um cidadão bem melhor lá na frente né?! E eu acho que os prefeitos eles não valorizam, então o que acontece como há essa brecha, o professor pedagogo pega as disciplinas, à por que eu vou contratar um professor de educação física, fazer um concurso se um outro pode pegar e ai dar no mesmo e eu não vou ter problemas? Mas é porque

ele não sabe, no meu ponto de vista, que um professor de educação física com formação vai “ta” trabalhando bem melhor, com esse aluno do que um professor pedagogo. Não vamos generalizar, temos professores pedagogos que trabalham muito bem, não achem que estou falando mal dos pedagogos não, jamais isto. Mas assim eu “to” defendendo nossa classe. Defendendo nossa classe, claro que meu sonho, que todas as escolas tivessem um professor formado?” (P1).

“Agora eu não sei se é falta de interesse do professor de educação física em fazer um convênio ou PSS ou concurso. Não sei se o salário também por 20 horas é defasado. A gente vê aqui, na formação, quando eu me formei eu acho que tinha oito ou nove que se formou em dois, anos, três anos e que trabalha no município é apenas eu. Aí tem uma professora que já é concursada há muitos anos no estado na APAE teve aquela reviravolta que era PSS depois era contrato aí contrato quer né? Aí a gente não sabe como é que funciona lá acho que é a maior questão eh salarial. E tem a pessoa faz educação física vê que não vai dar certo e abandona. Aí que nem uma cidade pequena igual aqui só tem eu e eu já pego as aulas, pego o treino, então fica difícil pra outros professores acabam até desistindo da profissão pra achar outra, né? Eu acho que é isso. Não sei. (P2).

“É necessita de mais professores. É porque são bem mais alunos, né? Tem bem mais escola e acredito que vamos fazer concurso. É? E vamos contratar. Acho que a visão é que não foi a visão é. É o nosso Progresso, é muito lento na nossa educação. Progresso dela é muito lento, não é? Tem uma parte boa, que que a pandemia nos trouxe? Foi esse desenvolvimento tecnológico é coisa que a gente tinha desenvolvido. Esse será que tem parte boa? A gente foi ia devolver acho. Acredito que eu iria desenvolver em 10 anos eu demoraria pra gente desenvolver isso. A gente desenvolveu em 2 anos, um ano, 2 anos. acredito pela essa, essa demora do desenvolvimento da de ver a importância das coisas para a educação. E que não dava tanta importância para educação física. Foi uma arte na educação infantil. Acho que agora com o passar, para os próximos concursos dos municípios, as escolas que não têm os municípios que não têm vão ter” (P3).

“Eu acho que pela desvalorização?! Não sei se essa desvalorização se é cultura, como eu comentei com você eu entrei na escola e, e já colocava-se o professor da educação física “pra” cumprir uma hora atividade no caso. A gente sempre bate na tecla né?! Que eu não estava ali eu e os outros professores que estão lá, hoje nós não estávamos no horário de hora atividade, nós estávamos ali no horário de educação física, porque o município ali, não era tão acostumado com essa questão, isso “tá’ se encaixando agora. Na rede estadual sim, há muito tempo. Às aulas de educação física a rede municipal há pouco tempo que vem se encaixando. Então quando nós entramos de cara, há o professor de educação física é o professor que vai fazer a nossa hora atividade, que antes tinham um professor da hora atividade deles é a nossa aula, duas aulas de educação física, duas aulas de artes, então eu acho que essa cultura de desvalorização, mas é creio isso “tá’ mudando aos poucos” (P4).

“Eu acho que isso vai mais da parte gestora do município, né? Acho que faz mais parte de gestores do município. As crianças, elas têm esse direito. E nós, como os professores, nós também temos nossos direitos de estar trabalhando. Mas aí e eu não sei se, se tem que ter alguma questão com relação a nossa categoria também se unir, né? E reivindicar isso daí até pra nós? Por nós, por nós sermos. É. do CREF, né? Eu acho também que o CREF teria que ter essa participação para nos ajudar também, né? Não é só fiscalizar ou o profissional em si, mas acho que fiscalizar também a os municípios de educação física, entidades, ó o seu município aí está

precisando de profissionais da área física. E colocar no concurso, vamos fazer concurso. Porque é para você ter uma segurança, porque a pra ir lá pra você prá trabalhar com PSS. Qual que é a segurança que você vai ter? Você não tem segurança. Que hoje eu vejo é colegas aí que é. chego no começo do ano eles estão perdidos, né? Eles estão malucos, eles estão ficando doentes porque eles não conseguem trabalhar, eles não conseguem pegar aula, né? Trabalha o ano normal. Aí chega o final do ano você já entra em desespero porque no outro ano você não sabe se você vai trabalhar. Exatamente eu acredito que os municípios têm que oferecer concurso. Concurso? Essa questão à vamos contratar um nível de PSS? Não, eu não. Eu não, eu sou contra isso daí. Eu sou contra, é isso. Daí, até no estado também no estado que nós temos muitos PSS, muitos, muitos Por que não cria então, a vaga no concurso? Para ele ter uma estabilidade, será para ele ter uma não até o trabalho melhor desenvolvida, porque ele vai estar amparado, né? Eu acho que isso tem que ter, tem que ser uma conciliação. Entre os gestores do município, a parte política, né? E eu também acho que a nossa classe tem que ser um pouco mais unida com relação a isso e também com relação a a ao nosso CREF, ele tinha que fiscalizar essa parte também. Eu vejo muita ligação em município há você tem o CREF, você tem a carteirinha, né? Eles ficam fiscalizando essas coisas mais fiscalizar esse município ou não oferta? É, é uma aula para o profissional de educação física. Eu, eu não vejo isso daí. Eu não vejo esse trabalho. Então eu acho daí é muito grave. Certo?”(P5).

“Pra mim é o gestor, ele acha que é diferente eu ter ou não ter, e eu acho o que mais pesa é o financeiro, na maioria das vezes, pra que eu vou contratar um professor da área específica se eu posso quebrar o galho com o cara que eu tenho aqui? Por que eu vou gastar mais? Eu acredito que é mais o lado financeiro” (P6).

Em algumas falas os professores entrevistados, citam como principal razão da inexistência de professores licenciados em Educação Física atuando nos anos iniciais; a própria gestão dos municípios. Hess e Toledo (2016) corroboram com essa visão, quando apontando que.

[...] os sistemas de Ensino municipais (e a gestão de cada escola que dele participa) possuem certo de grau de autonomia para garantir que o professor especialista em Educação Física atue como responsável pelas aulas de sua respectiva área de formação/ atuação, num trabalho conjunto com o professor regente (ou polivalente) (HESS; TOLEDO, 2016, p. 175).

E ainda complementam:

Neste sentido, consideramos fundamental que os gestores educacionais se conscientizem (por meio de estudos, leituras, formação continuada) e ajam nessa perspectiva, como os demais partícipes desse sistema (políticos, professores especialistas e polivalentes, pesquisadores, dentre outros...) num movimento coletivo em prol da legitimação da especificidade e rigor acadêmico da área da Educação Física (assim como as demais áreas abarcadas no currículo escolar) desde, as quadras escolares até as esferas públicas federais, vislumbrando mudanças no cotidiano escolar e na legislação brasileira (HESS; TOLEDO, 2016, p. 175).

Evidenciamos tanto nas falas dos professores quanto na perspectiva dos autores, que a responsabilidade de contratação e atuação dos professores formados em EF se dá, a gestão dos municípios. Todavia olhando sob outro aspecto, não faz sentido para certos municípios contratar professores de Educação Física, cujo trabalho desenvolvido por alguns deles é o mesmo que pode ser realizado por demais professores de outras disciplinas. Como estes professores tiveram a oportunidade e a chance de estarem inseridos e atuando nos anos iniciais, espera-se que desempenhem e desenvolvam de fato um trabalho notório e reconhecido, não somente pelos colegas de trabalho, mas também pela própria gestão dos municípios, permitindo tanto a legitimização da Educação Física, quanto à necessidade de inserir demais professores da disciplina nos anos iniciais.

Assim sendo, torna-se um descaso tanto com a disciplina quanto para os próprios alunos, não terem um profissional preparado para ajudar na formação integral destes discentes. Ao contrário, existindo a inserção desses profissionais no quadro docente, trabalhando e desenvolvendo de fato a Educação Física escolar, possibilitará em conjunto com outros professores (regentes), uma melhor experiência de formação para as crianças.

5.3 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EF NOS AIEF

Assim como as demais disciplinas, a EF também necessita ter um planejamento de modo que auxilie e oriente “para que os professores na sua prática pedagógica não improvisem e nem desenvolvam atividades sem a devida preparação, organização e sentido é necessário que a EF seja planejada” (NORA, 2013, p.09).

Para uma aula ter bons resultados, ela deve ter sido bem planejada. Grande parte dos problemas das aulas se dá por uma má organização. Nora (2013) corrobora com essa asserção:

Evidencia-se a partir do exposto, que problemas enfrentados na prática pedagógica da EF nos anos iniciais podem estar ligados a dificuldades no planejamento da EF, as quais podem ter sua origem ainda na formação inicial dos professores (NORA, 2013, p.10).

O planejamento das aulas e de todo o conteúdo abordado pelos professores de Educação Física pode ser realizado tanto de maneira individual quanto em conjunto, como forma de auxiliar e buscar juntamente com outros docentes e pedagogos da escola um maior e melhor desenvolvimento do aluno. Abaixo abordaremos essa questão averiguando como se dá a construção do planejamento.

“Não há troca de informações! Eu faço o meu e elas [professoras regentes] fazem o delas. Às vezes, numa conversa que a gente tem dentro da escola informalmente, você tenta trabalhar, lateralidade, equilíbrio com tal criança né?! Tenta trabalhar com tal atividade, com tal criança assim. Informalmente a gente troca algumas figurinhas, mas agora, de fazer o planejamento, cada um faz o seu” (P1).

“Aqui a gente trabalha cada um com a sua. Eu faço o meu o meu plano. é os meus conteúdos e cada um faz o seu. Aí cada um toca o seu. De vez em quando, a gente consegue casar alguma situação com o que o professor regente está dando aula. Daí vem pra Educação Física. A gente conversa antes disso, eu consigo mesmo conteúdo, tentar abranger o que ela está passando e o que envolve o meu” (P2).

“É feito individual. Daí a gente, eu faço meu planejamento. É entregue para eles e na verdade, não é tudo que a gente vai colocar no planejamento a gente consegue em prática” (P3).

“Não. Em conjunto! Tem professora de artes também, nós somos em três de educação física, então é em conjunto. Até porque, todos têm as mesmas turmas então, é sempre bom e junto com as pedagogas também” (P4).

“Olha é aqui tem, tem artes, tem inglês. O inglês trabalha dessa forma também cobrindo a hora atividade do professor, mas é cada um faz o seu. Eu, particularmente, faço o meu planejamento separado. Daí eu apresento pra parte pedagógica e tá tudo bem é desse jeito que a gente trabalha aqui” (P5).

“Professores de educação física ficamos com o nosso. Daí a gente se reúne, monta um planejamento a partir, em cima da BNCC. Mas é claro, daí na escola, tem professor que pede: oh o aluno tal tá com dificuldade mais nessa parte, você consegue trabalhar lá pra mim? Ótimo, consigo” (P6).

Como observado nas falas, os professores P1, P2 e P6 fazem seu planejamento de forma individual, contudo, quando há necessidade de trabalhar algum aspecto motor em especial, os mesmos são solicitados pelos professores regentes para estarem ajudando esses alunos a desenvolverem-se. Porém sabemos que a Educação Física não trabalha somente essa questão motora. O professor P4 se pronuncia afirmando que o seu planejamento é realizado em conjunto com outros professores de Educação Física da rede municipal, o que pode estabelecer novas ideias de melhorias dos conteúdos, que auxiliarão os discentes em seu desenvolvimento.

O fato dos professores regentes solicitarem essa ajuda para os professores de Educação Física, mostra sob a visão deles que a Educação Física é necessária, pois auxilia os alunos não apenas no aspecto motor amplo, mas também no desenvolvimento de aspectos atrelados a outras disciplinas, como exemplo a coordenação motora fina, equilíbrio, lateralidade entre outros, nas aulas de português e/ou artes.

Embora o planejamento ocorra de forma individual ou não, o mesmo tem por finalidade tratar:

[...] de ações planejadas para alcançar os objetivos da problemática trabalhada, promovendo aos indivíduos inseridos no contexto um melhor aproveitamento das aulas, quebrando as suas indagações sobre as atividades aplicadas podendo desenvolver e aperfeiçoar suas habilidades ocultas (AGUIAR; MARÇAL, 2010, p. 02).

Deste modo, a partir do planejamento há uma expectativa de obter-se resultados consideráveis, em relação ao desenvolvimento dos alunos. A partir dessa premissa, deve ser levada em consideração a elaboração do planejamento de ensino, que:

[...] configura-se como roteiro organizado de unidades didáticas para um ano ou semestre composto dos seguintes elementos: justificativa da disciplina; conteúdos; objetivos gerais e específicos; metodologia e avaliação, todos ligados à concepção que a escola e os professores têm como princípio básico a função da Educação, da escola, das especificidades das disciplinas e sobre seus objetivos sociais e pedagógicos (CONCEIÇÃO *et.al.*; 2016, p. 05).

Os mesmos autores defendem, ainda, a ideia de que o planejamento de ensino “[...] traduz em termos mais concretos e operacionais o que o professor fará na sala de aula, para conduzir os alunos a alcançar os objetivos educacionais propostos” (CONCEIÇÃO *et. al.*, 2016, p. 06).

Além deste documento “[...] prever: objetivos (para que ensinar e aprender?); conteúdos (o que ensinar e aprender?); métodos (como e com o que ensinar e aprender?); tempo (quando e onde ensinar e aprender?) e avaliação (com e o que foi efetivamente ensinado e aprendido?)” (CONCEIÇÃO *et. al.*, 2016, p. 06).

Identificamos que o planejamento é uma base que levará o professor a guiar os discentes rumo à aprendizagem, através dos objetivos, conteúdos, métodos, tempo e avaliação. Assim, buscamos investigar de forma mais aprofundada como é feito o planejamento pelos docentes, considerando a carga horária semanal do componente curricular.

“Eu, eu tenho, eu tenho seis horas atividades por período. Onde eu cumpro duas horas atividades na escola e quatro a gente cumpre em casa. O prefeito deu essa opção aqui durante a pandemia pra gente fazer essas horas em casa, que por sinal é na sexta-feira. Na sexta-feira eu não vou pra a escola, mas eu fico em casa planejando, então o que acontece? Eu busco ali atividades como eu falei, buscando esses objetivos, força, lateralidade, equilíbrio, enfim, as capacidades físicas. Faço leitura, livros, internet, apostilas, troca de informações com professores, colegas de profissão de outras cidades. Nós temos um grupo e vamos conversando, vamos trocando figurinhas, enviando atividade “pro” outro, vídeos. Faço assim o planejamento, através disso, adaptando a minha realidade. E eu faço isso, meu planejamento, eu faço na sexta-feira e organizo as atividades pra semana, desde da educação infantil até as séries iniciais” (P1).

“Eu faço, como eu voltei agora eu fiz no final do ano passado já pra esse ano. E eu tenho todas ali, três aulas que posso fazer naquela sala. Se chover, eu não posso ir pra quadra, eu tenho aquele conteúdo pra mim dar em sala, conteúdo mais teórico. E quando é na quadra tem duas, três assim aulas bem preparadas bem distintas pra mim poder fazer ali e quando um professor me pede uma ajuda bem atrás naquela questão que eu te disse ali encaixar uma aula por exemplo, professor ia fazer uma gincana de matemática e eu elaboro umas atividades de matemática junto com o meu conteúdo prático pra fazer se juntar professor de sala” (P2).

“A gente vai se adequando assim, planejamento, é individual. O que precisa a gente vai agregando um ao outro. Daí é ser flexível. A gente pode fazer e dos materiais que vem a gente vai, flexibilizando, aí vai, vai fazendo, vai alterando, deixa, deixa no drive. É altera a qualquer momento. No estado hoje está bem fácil, porque vem feito ou vem pra mexer no nosso. Foi assim no ano passado, vem feito, só trocamos o nome escola olhamos, vemos o que dá pra tirar. O Estado manda o planejamento, manda as aulas, manda vídeo, manda tudo isso. Se você tiver recurso, a internet boa, notebook, data show, fica muito banal” (P3).

“O planejamento mesmo que é entregue as pedagogas é dividido por trimestre e os conteúdos também que é colocado, eu na verdade nós entramos os professores, nós entramos no conteúdo programado lá. Aí dividimos e eu tenho uma agenda que daí eu preparo as aulas. Daí na minha agendinha, a nossa pedagoga lá, ela gosta de acompanhar bem sabe?! Porque ela também faz parte, ela ajuda, é uma pedagoga que ajuda muito durante as aulas até quando a gente precisa. Aí a cada duas, três semanas ela vai “pra” aula comigo entendeu? Então eu falo “ó” hoje a gente vai fazer isso tá, ali bem programado. Então eu gosto de deixar bem organizado até porque você tem que ter que trabalhar com criança pequena, você tem que ter muito conteúdo, você tem que ter. Uma área vasta de conteúdos aí porque eles [alunos] te consomem bastante. Então eu tenho minha agenda ali certa de conteúdos. E até por ela cobrar é o trabalho dela, então a cada ano, tem a agenda de quais dias ela vai acompanhar. Então eu já deixo ali certinho é o planejamento trimestral entregue lá no começo e a gente vai seguindo o possível aquele planejamento, fazendo algumas adequações e quando é feito a gente coloca “pra” pedagoga que vai ser feito alguma alteração, uma colocação ali” (P4).

“Ele é realizado por trimestre, mas na escola municipal aqui é a gente sempre ta sempre fazendo ele por trimestre e sempre adaptando, e se não deu certo tem que mudar a gente muda, mas é dessa forma que a gente trabalha” (P5).

“O planejamento aqui era bimestral, agora é trimestral, tá acompanhando o Estado, esse agora” (P6).

A compreensão de planejamento para esses professores é limitada, não traz um horizonte que se quer atingir, em termos de intencionalidades da Educação Física.

Outro ponto importante abordado neste estudo é a forma de avaliação que esses professores adotam. De acordo com Fontana (2019) a avaliação é

Um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático (SANT’ANNA, 1998, p. 29,30 apud FONTANA; 2019 p. 07).

Darido (2014) afirma que o modo avaliativo do ensino-aprendizagem tem como função averiguar o nível de compreensão que o discente teve em relação ao eixo temático. Para a autora, atualmente, muitos professores preferem avaliar os alunos somente pela participação e frequência diária nas aulas (DARIDO, 2014, p. 126), e isso pode estar ligado diretamente com a não valorização da disciplina pelos próprios professores de Educação Física, descartando a evolução progressiva dos alunos.

Em muitos municípios não ocorre à atribuição de nota nos anos iniciais, sendo levado em consideração não somente os itens listados por Darido (2014), mas também a evolução integral dos alunos.

“É a escola adota uma forma diferente de avaliação escrita (descritiva), eles fazem manual lá enfim, com a professora regente, a minha disciplina eu não tenho uma avaliação descritiva, eu não preciso fazer essa avaliação descritiva. Mas a prática é que os diretores pedem pra gente trabalhar. É que eles acham importante ser trabalhada a prática e não ficar tanto na teoria. Não assim eles não falaram nessas palavras, mas a gente entende, com o quinto ano eu entrei um pouco com a teoria que eles precisavam entender as coisas, já é quinto ano, ano que vem já vão pro sexto ano. E a realidade é outra. A minha avaliação é eu faço, através de observação. Eu analiso como o aluno começou aquela atividade, como ele tá terminando. Futuramente durante as aulas, vendo como ele estava e como ele está hoje. Mas é uma observação que eu vou fazendo, sempre respeitando o limite de cada um, cada um tem uma forma e um tempo de aprender” (P1).

“O ano passado a gente avaliava por entregas de vídeo, entregas de foto, e da devolutiva das atividades. Esse ano a gente ainda vai ver como vai como vai ser a forma, mas eu, eu avalio aulas práticas. Como eles estão se desenvolvendo, as dificuldades de cada aluno. A gente sempre faz um relatório individual. E também na teórica eu não costumo dar prova essas coisas porque são crianças, tem muitos que não sabem... Ainda mais agora, quarto ano, não sabe ler, não sabe escrever, ainda não sabe muita coisa devido a pandemia. Então é uma coisinha bem simples ali, procuro uma

orientação, não cobro muito teórica. Na prática sim eu observo mais. Essa é a minha. A minha forma de avaliar. É eu não dou nota. Nem eu, nem a professora de arte, só parecer mesmo, só avaliação mesmo através de um relatório individual por aluno” (P2).

“A escola é, na verdade é nossa educação física não tem avaliação, né? Assim não, não exige né? É só um relatório. Eu faço um relatório do aluno, Eu avalio e a minha avaliação eu avalio o aluno de forma individual. É? Eu tento ver aqueles que estão com mais dificuldades. É. Né? Que apresenta mais vergonha, que tem muitos que fica num cantinho lá e não quer participar? Tento trazendo esses “pro” grupo. A minha avaliação é essa, né? Não, não, não fico na questão e se consegue isso, não consegue. Esse vai ser vai ser melhor do que isso na no relatório não para mim, um relatório fácil, a não ser que Ele seja mal educado, que precisa de um, de uma intervenção pedagógica da família, da direção, daí sim, coloca no relatório que né, eu já vou passando para o pedagogo agora, caso contrário, não. Relatório praticamente a mesma coisa. Caso não consigam desenvolver, a gente coloca. Também é preciso atenção para o ano, né? Próximo ano. É isso, é mais ou menos isso, talvez o relatório individual” (P3).

“Nos anos iniciais a avaliação é feita toda né?! Então não tem ali por nota ainda. Em Rio Branco não é feita a avaliação por nota. Não. É tudo feito por uma parecer descritivo que fica arquivado na pasta do aluno. Artes e educação física sim. Mas é um parecer assertivo que nós fazemos , dai avaliando, tem uma ficha dai avaliando os aspectos cognitivos, aspectos motores, são na educação infantil ali é habilidades de locomoção né, como andar, saltar, correr, equilibrar, rolar, então esses aspectos. Na educação física até acho interessante continuar esses pareceres, deixando ali na pasta de cada aluno. Que às vezes passa de um professor “pra” outro de educação física, e eu “to” no segundo ano. O ano que vem vai pra outra professora no terceiro ano, e eu não estamos com esse aluno. Então é tudo digitalizada então é fácil “se” entra ali na pasta, se entra ali ‘ó’ esse aluno isso né?! “(P4).

“Olha, nós que como eu disse pra você a educação física não tem avaliação aqui a educação física não tem avaliação, ela não tem a chamada, sabe?! Você não tem o seu livro é, é ela é mais “pra”, “pra” mais para cobrir a hora-atividade dos professores mas a avaliação que eu faço com meus alunos ela é contínua certo vou avaliando eles eu vou percebendo a dificuldade que eles tem né e eu vou tentando melhorar a para eles né claro que com a tipo assim chega é muito visível que você não consiga claro que a gente trabalha em conjunto passa lá pra parte das pedagogas e fala ó ta acontecendo isso e isso com criança né, tem que ver mas é isso eu vejo dessa forma, ver o que está acontecendo com ele, encaminhar pra uma avaliação médica pra ver o que pode ser feito” (P5).

“A avaliação não tem nota. Nota não. Aí a avaliação é feita, eu faço minhas avaliações por progressão na aula, por participação, por desenvolvimento de cada aluno em determinada atividade” (P6).

Observa-se que os professores não avaliam de forma convencional (com uso de nota), a avaliação se dá por meio de pareceres descritivos sobre a evolução e desenvolvimento dos alunos, porém não existe intencionalidade alguma acerca do processo avaliativo. Darido (2014) corrobora enfatizando que o ato de

[...] avaliar é muito mais complexo do que tomar exclusivamente o desempenho dos alunos em uma prova e considera-los aprovados a reprovados, mesmo porque cada aluno chega à escola com um determinado nível de conhecimento, carregando experiências anteriores vividas e com características pessoais absolutamente diferentes (DARIDO, 2014, p.125).

Mais uma vez expressa que:

É certo que atribuir conceito/nota para crianças até os 12 anos não são seja realmente necessário, até porque a Educação Física, além de ser a disciplina mais apreciada na escola, conta com a participação ativa de grande parte dos alunos, que são curiosos a respeito dos conhecimentos da cultura corporal (DARIDO, 2004 apud DARIDO, 2014, p.134).

Esta forma de avaliação permite que todos os alunos sejam avaliados de forma igualada, levando em consideração as características e desempenho individual. Fontana (2019) aponta “a avaliação é muito mais do que atribuir uma nota ao aluno”. O que mostra que esse tipo de avaliação se enquadra nos anos iniciais, já que o comportamento motor está ainda sendo lapidado.

5.3.1 Espaço físico e material para as práticas pedagógicas

Para realizar-se uma prática pedagógica de qualidade, é necessário que haja um espaço para a aplicação e o desenvolvimento, ou seja, o espaço físico pode interferir no interesse e no desempenho do aluno e na forma como ele irá ser avaliado posteriormente. Como cita Freitas (2014, p.13) “o espaço físico condiciona nossos gestos diários, habita nossa visão, estimula elementos simbólicos e estabelece pontos de referência”. E ainda “[...] que certos fatores influenciam positivamente e negativamente a prática do professor de Educação Física, como a falta de materiais e de espaço físico [...] (FREITAS, 2014, p. 13)”. Diante disso, caso não haja um local adequado para o desenvolvimento das aulas, o professor e os alunos encontrarão dificuldades em aplicar e realizar os conteúdos e alcance dos objetivos. Por isso, questionamos os professores sobre estes aspectos em seus locais de trabalho.

“O espaço da escola X, que é do período da manhã, perfeito, não posso reclamar do espaço muito bom. É uma quadra muito boa. Mas o espaço da escola Y, que é do período da tarde, é um espaço comprometido. Falta de espaço na verdade, porque as turmas a tarde são mais lotadas, então na verdade o espaço acaba sendo, muitas das vezes, pequeno pelo número de alunos, sabe? Então onde eu tenho que é, vou usar um termo, eu tenho que

rebolar “pra” aula acontecer. Diferente da manhã que tenho uma quadra coberta com a arquibancada até, dentro da escola e coberta” (P1).

“Dentro do colégio tem uma quadra, mas ela está inapta devido a sujeira. Aí deu uma, vários passarinho entrou e então o chão é repleto. Aí fora daqui eu tenho uma quadra perfeita que aí já é no complexo esportivo. Tem o campo de futsal, de futebol sintético, tem o parque, parquinho, tem uma área enorme de grama onde eu posso utilizar, o campo de futebol, tem o ginásio de esporte. Em questão de espaço pra mim é excelente. É sim, só que é do outro lado da rua, só atravessa a rua, não é dentro do estabelecimento escolar, não é no ambiente escolar. Mas ela é da escola, só que é fora da escola. Top. Tem pessoas que cuidam, banheiros limpos, tem água gelada, é perfeito” (P2).

“É lá na educação do campo lado do assentamento tem um barracão que a gente usa o barracão mesmo, coberto, piso bruto. A gente tem um gramado, é sol, não dá para usar muito. Se deixar, eles ficam o dia inteiro lá, mas a gente tem que ter consciência. Eu preciso muito, mas não dá pra reclamar. É assim é, não dá pra, não é uma quadra pra ser perfeito, mas ajuda bastante, tem lugar pior” (P3).

“E a outra escola no campo tem uma quadra, tem uma quadra bem boa, não digo de passagem, dá pra trabalhar bem legal. O espaço é bom. Só é, faz um tempo, um ano, que nós temos lá uma quadra na escola, daí “tá” embargada lá por cair um muro na escola, caiu um muro lá na quadra. É a estrutura “ta” embargada. Aí eu não sei se já arrumaram também, como eu disse pra vocês, em outras cidades, eu moro, dá 40 km, mas tava embargada. Mas o espaço em si é bom. A escola onde trabalho é em dualidade com o estado, então ela não é uma escola só municipal. Acho que é em poucas cidades que ainda existe porque onde eu moro aqui tem uma escola municipal, tem uma escola estadual, a creche assim agora lá no município X a escola municipal de primeiro ao quinto, é em dualidade, a mesma escola. Então tem educação, ensino fundamental” (P4).

“Ela. É? É, tem o pátio, né? E, mas a educação física da escola municipal. Hoje nós temos uma Quadra coberta. Que fica a próxima à escola, né? É o único problema é que nós temos que deslocar as crianças até lá, né? É claro que nós temos todo o tempo, tem todo um cuidado, né? Eu sempre tenho 1 pessoa que me ajuda para que a gente leve essas crianças lá para a Quadra. É uma quadra nova, um espaço muito bom pra se trabalhar, mas a dificuldade é que nós temos que deslocar da escola. É aí eu, eu faço, é pego os anos iniciais. Primeiro ano segundo ano. eu estico a corda lá, pega na corda, né? Pra poder levar eles, porque se eles ficarem muito dispersos e aí é perigoso, né? Hoje nós temos que atravessar duas ruas, mas é pertinho. Pertinho não tem uma coisa única que acontece é que a gente perde mais tempo né? Da aula Pertinho não tem uma coisa única que acontece que a gente perde mais tempo, né, da aula. Em estar levando né, da aula. Em estar esperando, porque nós temos que é. É. Fazendo da seguinte forma, você tem que ter o tempo para pegar eles na sala de aula Para levar lá, pra, pra, pra. Para Quadra, aí você tem que trabalhar com eles, aí você tem que ter um tempo que você tem que retornar né? Até dar o descanso pra eles, pra eles chegarem e pegar água na escola, tudo, é claro que eles levam as garrafinhas deles, mas depois chega na escola, pra eles não chegarem eufóricos, não chegarem todos suados pra trabalhar outra aula. Então, você tem que tem que tem que estar sempre fazendo esse tipo de trabalho. E e chega num ponto que ele se torna um pouco assim automático mas ao mesmo tempo ele é um pouco cansativo Em é porque é diferente de você ter a Quadra você receberá os alunos na Quadra, fazer atividade, eles voltarão. Voltarem para a sala de aula aqui não é que eu pego, eles levam lá pra Quadra depois. Eu tenho que trazer eles de volta

aqui, depois eu vou na outra sala pegar outros alunos, porque daí a professora já vai. já está esperando ali porque ela tem a hora da atividade dela e é assim eu vou eu vou eu vou ser bem claro tem professores que se eu atrasar dois minutos pra pegar o aluno dele lá na sala dele porque já é a hora-atividade está de cara feia. Então se a gente tem que, né, sempre está passando por cima dessas coisas, não deixa é num Entendeu? Para que a gente possa desenvolver o nosso trabalho normal, mas é dessa maneira” (P5).

“Esse ano, a escola que eu tô, os espaços são bons, quadra coberta, o piso é bom nas três, só que uma eu uso o ginásio do município porque a escola fica na frente do ginásio, então eu ocupo o ginásio, é fechado, é uma maravilha, aí as outras escolas são abertas, só que o piso é bom” (P6).

Pode ser notado que os professores possuem um local para realizar suas aulas, porém nem todos garantem uma boa qualidade, tendo eles “[...] de aproveitar qualquer espaço, mesmo que inadequado, para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, o que poderá resultar em consequências ao desenvolvimento destes alunos” (FREITAS, 2014, p. 17).

As quadras disponíveis, ora cobertas, mas com o chão áspero, podem ocasionar ferimentos nos discentes, ora o local é fora da escola, o que faz que os professores tenham que se deslocar juntamente com seus alunos para realizar as aulas. Isso como tratado anteriormente pode interferir na qualidade das aulas, desenvolvimento dos discentes além de tornar-las desinteressantes.

[...] se dá a importância da organização do espaço escolar e seus desdobramentos para o ensino da Educação Física de qualidade. Isto é uma questão de suma importância que influencia diretamente na dinâmica dos alunos. Verifica-se que os espaços físicos escolares não atendem as necessidades do corpo discentes e as aulas tendem a se tornar desmotivadoras (FREITAS, 2014, p.13).

Para o mesmo autor,

Essa deficiência de instalações apropriadas nas escolas pode ser indicio da pouca qualidade do espaço físico e das instalações para o ensino da Educação Física, podendo comprometer esta disciplina sobre dois aspectos: a não valorização social desta disciplina dentro do ambiente escolar, sendo marginalizada e colocada como algo secundário ou complementar, assim como, resultar no descaso dos gestores e autoridades para a educação destinada às camadas populares (FREITAS, 2014, p. 15).

Em alguns casos demonstram um total desinteresse pela disciplina por parte dos gestores e do próprio município, descaso não somente com o papel do professor formado em Educação Física, mas também, com a importância dessa disciplina na vida dos discentes.

O desinteresse perdura para mais longe, quando tratamos de materiais. O material didático forma a base da construção do conhecimento e possibilita a contextualização da teoria vista em sala de aula, sendo assim, passam a ser aliados importantes na transmissão da teoria, e fundamentais no processo educacional (FREITAS, 2014, p.15).

Além dos espaços físicos, os materiais são também influenciadores no desenvolvimento das práticas pedagógicas. Nas entrevistas, grande parte dos professores não possui materiais suficientes para trabalhar nas aulas.

“Eu sempre vou citar uma escola e outra, até porque são duas realidades diferentes, no mesmo dia que eu passo. A escola da manhã, ela tem um pouquinho de material, bambolês e algumas bolas são assim de nível fraco, mas dá “pra” aula acontecer, e é improvisado de cone, até então aqueles rolinho de fio de crochê, é aqueles rolinhos que a gente improvisa de cone. Mas onde eu cansei de pedir e pedir lá no passado, quer saber? Eu vou comprar. Então durante a pandemia eu fui comprando e comprando. Então hoje as aulas, tem muita coisa que é minha lá. E a tarde a escola é pior ainda, não tem mesmo, bambolê tudo torto, não tem, não tem material na verdade no período da tarde, não tem. As bolas furadas, jogo de xadrez incompleto, não tem uma corda, é complicado a questão de materiais. De ambas as escolas. Falo muita coisa que tem durante as aulas, é minha, eu comprei do meu bolso, porque eu falei, eu não consigo dar uma aula, eu chegar lá e dizer assim: - façam o que vocês quiserem, não é de mim isso. Então eu peguei e comprei tirei do meu bolso “pra” mim trabalhar, “pra” mim conseguir trabalhar” (P1).

“Olha questão dos meus materiais hoje é tá bem fraco. Até, hoje conversei com minha secretária de educação, a gente já fez uma lista. O ano passado, fiz outra hoje, passei pra ela, passei pra diretora. É as bolas estão boas, estão novas, só que é pouco. E a gente quer fazer trabalho diferenciado que eu, como te disse, que eu gosto de trabalhar muita atividade e eu não tenho. Então eu acabo ali fazendo algumas. Tem umas atividades que usa pouca bola. Eu uso o que eu tenho. E aí é mais corrida, atletismo, mais marcação de chão, na quadra, esse tipo de atividade, mas material hoje se for olhar mesmo não tem. Mas tá pra chegar” (P2).

“Materiais é bem escasso. Eu falei no começo esses materiais de educação física, parece que chega por ultimo. Tem bastante joguinhos, dominó, quebra-cabeça, pecinha de montar, essas coisas tem bastante. Mas o material, bola, bambolê, corda é, saco, essas coisas aí, slackline, trabalhar um equilíbrio, um skate para trabalhar essas coisas, coisas que sempre peço materiais não têm. Só que lá eu tenho uma sala só para mim, daí eu consigo guardar melhor os materiais. Eu consigo, eu tenho a chave, só eu que entro, eu pego material e com isso eu tenho coisas ali. Se você estiver usando, se o professor, tem que ter consciência de pegar, usar e guardar no lugar, e vai ter bastante tempo, porque dura muito tempo esses materiais. E como é difícil de você ter um material, eu tenho que cuidar e você consegue essas coisas fáceis que dá para fazer boliche eu faço e deixo guardadinho lá. A gente usa no dia a dia. Bastante, bastante. Eu já peguei material escondido, levei na bolsa para usar com outras escolas do campo principalmente, dos assentamentos, as famílias já mais carentes já não tem aquilo eu vou cobrar, eu professor. Não entende muito da importância da educação física para o aluno. Talvez ele não entenda, não fale. O professor precisa de uma bola. Tem os pais que trabalham na escola, mas aí fica a mercê da direção também por causa de política, essas coisas não, não cobra. E na escola da cidade já é mais cobrança, tem que ter professor, que trabalha lá e tem filho de prefeito, tem filho de vereador. É, tem pais que tem

uma melhor condição de cobrar e tem muita diferença. Tem muita diferença assim, tem material sobrando lá (P3).

“No início de ano, já é solicitado pela diretora da escola pra gente uma lista, todo começo de ano. Então esses materiais, então já chego lá, faço uma avaliação dos materiais do ano passado e consigo já ali fazer uma lista de materiais e sempre, na medida do possível, é atendido sim” (P4).

“Não tem problema nenhum. Aqui, eu tenho da parte de recreativo, eu tenho bastante. A parte esportiva, eu tenho todos. Não tenho. Acho que uma coisa única que a gente falta aqui é a parte. Se você for trabalhar, é atletismo” (P5).

“O material é defasado. Tem escola que a gente pede que já pede e te atende, mas a escola não tem condição de ficar fornecendo muita coisa, então é o básico” (P6).

Fica evidente o descaso com a importância de desenvolver a disciplina. Para esses professores o problema de dar continuidade às aulas está ligado à inexistência ou precariedade dos materiais. De fato, a falta dos materiais pode limitar a aprendizagem dos alunos, porém isso não é regra, ou seja, desde que seja trabalhado todos os blocos temáticos dispostos pela BNCC, a forma e a utilização dos materiais não implicará no desenvolvimento dos alunos, mesmo que para isso haja adaptação dos mesmos. A questão da adaptação dos materiais também foi abordada na entrevista.

“Sim, sim, consigo. Faço construção de brinquedos né?! Pego rolinho de papel higiênico “pra” gente fazer algumas atividades, papel, cartolina, né?” Adapto bastante coisa mesmo. É... Grampinhos de prender roupas, prendedor de roupa, é... basicamente é isso sabe? Já, “já adaptei bastante coisa mesmo também” (P1).

“Eu sempre gosto muito de treinamento físico também tenho muitos materiais e que eu sempre comprei cone eu sempre trago.” (P2).

“[...] tem muitas coisas que eu faço né? Daí, é taco é, essas coisas, bolinha para piscina, coisas materiais, reciclável. Eu faço muito. Faço com eles, faço com quarto, quinto ano e uso com os demais é bem, é peteca. Pipa, essas coisas é bem fácil de fazer. É seda, tem bastante na escola, bambu tem em todo lugar. Linha, bolinhas de piscina mesmo, eu peguei várias vezes colocava na bolsa pra fazer a bolinha de Betis para jogar com o aluno” (P3).

“Há eu já fiz isso bastante, não só por necessidade, mas ali por, por pressa, por fazer ali, no, no dia o material. Quando eu vou solicitar ali com a diretora e demora alguns dias. Mas não que seja necessário não. Já fiz isso por vontade própria. Já levei, mas sempre que eu peço os materiais, eu sou muito bem atendido lá na escola” (P4).

“Não, aqui é tranquilo. A gente tem o suficiente para trabalhar tranquilo” (P5).

“O arco feito de cano, que é o mais fácil, o mais barato. A maioria é no improvisado” (P6).

Nestes trechos das entrevistas observamos que, dos seis professores apenas dois não apresentam dificuldades em relação aos materiais (P4 e P5), os demais encontram algumas dificuldades.

Para finalizar, ressaltamos que esse descaso não é apenas com questões de locais para desenvolver as aulas, o salário, horas aulas ou os espaços e materiais, mas, também, com a ausência de professores formados em Educação Física atuando em muitos municípios, todos esses pontos agregam para a falta de preocupação da própria gestão dos municípios com a disciplina e com os próprios alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar quais municípios da área de abrangência do NRE de Ivaiporã, PR possuem professores formados na área da Educação Física atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental e como se configuram as práticas pedagógicas desenvolvidas por estes docentes.

Identificamos que apenas sete municípios, possuem professores formados para lecionar a disciplina nessa etapa da educação básica; totalizando 20 professores. Destes, foram entrevistados seis professores, sendo todos do sexo masculino, com idades entre 27 a 50 anos formados em licenciatura pela Universidade Norte do Paraná- UNOPAR na modalidade EaD com exceção de um professor formado pela Universidade do Centro do Paraná- UCP, todos apresentam vínculo por meio de concurso público.

No que se refere à percepção dos professores em relação às aulas de Educação Física, observou-se que os mesmos atribuem grande importância para o desenvolvimento integral dos alunos e na busca pela autonomia, porém os mesmos não executam de forma literal.

Com relação ao desenvolvimento das práticas pedagógicas observou-se que o planejamento ocorre, na maioria das vezes, de forma individualizada, apresentando momentos de planejamento de atividades conjuntas com os professores regentes. Os professores citam a precariedade dos recursos e a estrutura/condição do local onde acontecem as atividades, porém a falta de materiais não deve ser usada como pretexto para a não realização da disciplina como um todo. Embora estes municípios apresentem a inserção de professores de Educação Física nos anos iniciais, às questões de materiais e local adequado, são precárias.

Já na forma de avaliar, os professores expressam que não ocorre a atribuição de nota, ora é um parecer descritivo que, contém a progressão individual de cada aluno e por outros professores ocorre a avaliação apenas por observação. Sendo este último uma forma inadequada de avaliar, não abordando qualquer parâmetro progressivo no desenvolvimento dos discentes.

Podemos concluir que a postura destes professores entrevistados, é inferior ao que se espera de um professor de Educação Física, ou seja, a forma de ministrar

as aulas carece de um planejamento, não deixa evidente quais são os objetivos, a funcionalidade, o que é a Educação Física e a necessidade de haver professores formados na/ da disciplina, e este déficit pode estar atrelado à própria formação que alguns deles tiveram durante o período de graduação.

Contudo este estudo visa contribuir para novas políticas, tanto em relação à contratação de professores com conhecimentos aprofundados na disciplina de Educação Física quanto na valorização e disseminação da mesma para o desenvolvimento dos discentes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Elton José da Silva; MARÇAL, Isabela Lobato. Planejamento em Educação Física: Ocorre de fato? In: **3º Conceno: O norte da Educação Física e Ciências do Esporte: Histórias e desafios para os dias atuais**. Pará, dez. 2010. Disponível em: <

<http://congressos.cbce.org.br/index.php/3conceno/3conceno/paper/viewFile/4667/2263>>. Acesso em: 19 mar.2022.

ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula. **A prática pedagógica da educação física nas séries iniciais do ensino fundamental e a formação do professor polivalente na perspectiva do professor polivalente na perspectiva dos saberes multidisciplinares**, 2009. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/139574/ISSN2175-7054-2009-6139-6151.pdf?sequence=1>> Acesso em: 16 mar. 2022.

ALONSO, Angela; LIMA, Marcia; ALMEIDA, Ronaldo de. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais – Bloco Qualitativo**; São Paulo: Editora CEBRAP, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**; Lisboa: Editora: Edições 70, 1977.

BRANDL, Carmem Elisa Henn; BRANDL NETO, Inácio. A Importância do Professor de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental, **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 13, n.2, p. 97-106, jul/ dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. São Paulo: Saraiva, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

CONTREIRA, Crairton Baubueno; KRUG, Hugo Norberto. Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso com professores unidocentes. **Revista Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, n. 150, p.1-10, nov. 2010. Disponível em:<

<https://www.efdeportes.com/efd150/educacao-fisica-com-professores-unidocentes.htm>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CONCEIÇÃO, Joecléia Silva; SANTOS, Joelma Félix dos; SOBRINHA, Maria do Carmo Araújo; OLIVEIRA, Márjori Aparecida Rocha de. **A importância do Planejamento no Contexto Escolar**. 2016. Disponível em: <

<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/A-IMPORTANCIA-DO-PLANEJAMENTO.pdf> >. Acesso em: 05 abr. 2022.

CRESWELL, Jhon W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativos e mistos**, 2ª ed., Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.

CRUZ, Shirleide Pereira da Silva; BATISTA NETO, José. A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica: refletindo sobre experiências de pesquisas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p.385-499, maio/ago. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782012000200008>

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Conteúdos, duas dimensões e significados**. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. Caderno de formação: Formações de professores, didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51- 75,v. 16. Disponível em: <
HTTP://acervodigital.unesp.br/handle/23456789/41549>. Acesso em: 03 abr. 2022.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. 2. ed.Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

FAVATTO, Naline Cristina; BOTH, Jorge. Motivos para o abandono e permanência na carreira docente em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. p.127-134, abr./jun. 2019. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/rbce/a/hZwxF3d73HW6xPkNqMzskB/?lang=pt#>>. Acesso em: 08 mar. 2022.

FONTANA, Evelline Cristhine. **Avaliação em Educação Física Escolar**. Trabalho de Especialização. jan. 2019. Disponível em:
<http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1080/1/FONTANA_Avalia%C3%A7%C3%A3o%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica%20escolar.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

FONSECA, Cezar; FERNANDES, Catarina Costa. Educação Presencial versus EAD: Perspectivas dos alunos dos cursos de serviços públicos e administrações. **Revista Científica em Educação a Distância**, p. 78- 91, 2017.
Disponível em:
<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/download/556/250/2782>
Acesso em: 07 mar.2022.

FREITAS, Hebrain Bezerra. **A importância do Espaço Físico e Materiais Pedagógicos para as aulas de Educação Física na Escola Pública do Município de Unaí- MG**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2014. Disponível em: <
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9615/1/2014_HebraynBezerraFreitas.pdf>.
Acesso em: 06 abr. 2022.

FREIRE, Juliana de Oliveira; BARRETO, Aldecilene Cerqueira; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Currículo e Prática Pedagógica no cotidiano Escolar da Educação Física:

Uma revisão em periódicos nacionais. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 26, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.93986>. Acesso em: 03 abr. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**, 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**, 1ª. ed., Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Janaina Aparecida da Silva; GOMES, Rovânia. **A construção da infância: a importância da socialização para a criança**. Trabalho de Conclusão de Curso. Serra Dourada. 2019. Disponível em: <<https://finom.edu.br/assets/uploads/cursos/tcc/201906051406269.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

HESS, Cassia Maria; TOLEDO, Eliana de. A atuação do professor de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental: uma abordagem legislativa, **Revista Brasileira da Ciência e Movimento**, p.161-178, 2016.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didática- pedagógica do esporte**, 6ª ed., p.160, Injuí, 2004. Disponível em: <http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/relatos/transformacao_elenor_kunz.pdf>. Acesso em 29 de abr. 2021, às 17h29min.

LIBANÊO, José Carlos. **Didática**, São Paulo. ed. Cortez, 1990

LIMA, Vanda Moreira Machado; PONCE, Rosiane de Fátima. Professor polivalente: um estudo do estado da arte sobre produções acadêmicas (1997-2017). **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1645–1665, 2020. Disponível em:<<https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14411>>. Acesso em: 24 out. 2021.

LOPES, Alcemildo Teixeira; SILVA, Graciete Barros. As contribuições da Educação Física no desenvolvimento da criança no ensino infantil. **Revista Educação Física e Ciência do Esporte**. v 01, 2021. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.org/articles/201001855.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

MALDONATO, Daniel Teixeira; BOCCHINI, Daniel; BARRETO, Alessandra; RODRIGUES, Graciele Massoli. As dimensões atitudinais e conceituais dos conteúdos na Educação Física Escolar. **Pensar a Prática**, Goiania, v. 17, n.2, 2014. DOI:10.5216/rpp.v 17i2.23825. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/23825>. Acesso em:03 abr.2022.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; MELLO, André da Silva. Perfil profissional dos professores de Educação Física que atuam na educação infantil pública das capitais brasileiras. **Revista Humanidades e Inovação** v. 6, n. 15, 2019. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1544>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

MELLO, Guiomar Namó de. **Formação Inicial de Professores para a Educação Básica: Uma (re) visão radical.** São Paulo, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/d6PXJjNM3qJBMxQBQcVKNq/?lang=pt>>. Acesso em: 01 abr. 2022.

MONTEIRO, Francisco de Assis Leite. **A Educação Física Escolar: Abordagens Pedagógicas e Práticas de Ensino Sob a ótica dos Professores e Gestores Educacionais na Região Ribeirinha de Porto Velho Rondônia.** Trabalho de Conclusão de Curso. PORTO VELHO, p. 52 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7041/1/2013_FranciscodeAssisLeiteMonteiro.pdf > . Acesso em: 07 abr. 2022.

MOREIRA, Evandro Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov. **A Educação Física na Construção do Projeto Político Pedagógico da Escola**, 2. ed., p. 259. Ed. Fontoura, Jundiaí, 2009.

NORA, Daiane Dalla. **Prática Pedagógica da Educação Física nos anos iniciais com professores unidocentes da Rede Estadual de Santa Maria/ RS.** Artigo de Especialização, p. 28. 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/655> . Acesso em: 04 abr.2022.

OLIVEIRA, Eliana de; ENS, Romilda Teodora; ANDRADE, Daniela B.S. Freire; MUSSIS, Carlo Ralph de. Análise de Conteúdo e Pesquisa na Área da Educação, **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.4, n.9, p. 11-27, maio./ago., 2003.

RIBEIRO, Breno Lucas de Carvalho. **A (im) possibilidade de exclusão da Base de Cálculo do PIS/ PASEP dos valores repassados ao fundo de manutenção e desenvolvimento da Educação Básica e de valorização dos profissionais da Educação (FUNDEB) e as camaras municipais.** Trabalho de Pós- Graduação^{145ª} edição; Jan. 2020. Disponível em: <<https://bd.tjmg.jus.br/jspui/bitstream/tjmg/10982/1/A%20%28im%29possibilidade%20de%20exclus%C3%A3o%20da%20base%20de%20c%C3%A1lculo%20do%20PIS-Pasep.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2022.

ROCHA, Francilene Macedo; MELO, Savana Diniz Gomes. Remuneração e piso salarial docente na rede municipal de educação de Belo Horizonte. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/pq3SzmPsNqj9kzmKPVpKy3f/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 01 abr. 2022.

RODRIGUES, Thiago Francisco; SILVA, Carlos Eduardo da; COPETTI, Jaqueline. Percepções de unidocentes sobre a educação nos anos iniciais do ensino fundamental, **Revista Contexto e Educação**; v.33, n.106, set/ dez. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2018.106.287-301>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SIQUEIRA, Bruno Nascimento de; MEDEIROS, Francisco Emílio de. O ensinar e aprender na concepção crítico-emancipatória, **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.36, n. 2, p.22- 30, maio./ago. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/31724/pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SOARES, Edmar dos Santos. Importância do Profissional de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso. Ijuí, 2012.

Disponível em:

https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1359/TCC_EDMAR.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 16 mar.2022.

TOZETTO, Susana Soares. **Docência e Formação Continuada**, EDUCERE- XII Congresso Nacional de Educação. Anais. Ponta Grossa, 2017.

Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23503_13633.pdf >

Acesso em: 07 mar.2022.

VIANA, Joaquim Albuquerque; SILVA, Eva Vilma Alves; FIGUEIREDO, Suwania Cristina Gonzaga de. **Educação Básica**: Novas perspectivas no processo de ensino aprendizagem da educação física escolar, 1ª ed., p. 90, Belo Horizonte, 2020.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: como ensinar. Ed. Artmed. Porto Alegre. 1998.

APÊNDICE A Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

“Inserção e atuação dos professores de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas públicas nos municípios de abrangência do Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã, Pr”.

Responsável pela pesquisa: Profa. Dra. Andréia Paula Basei

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo pesquisador e pelo participante, sendo que uma via deverá ficar com o participante e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Considerando que os anos iniciais do ensino fundamental são etapas da educação básica de grande importância para formação de competências e habilidades fundamentais dos alunos, o papel da Educação Física enquanto componente curricular obrigatório para estes níveis de ensino, assim como a formação profissional qualificada para desenvolver as práticas didático-pedagógicas visando a melhoria da qualidade da educação apontamos a necessidade aprofundarmos os conhecimentos sobre a atuação dos professores com formação específica na área de Educação Física nestes níveis de ensino na área de abrangência desta pesquisa.

Esta pesquisa se insere no campo das políticas educacionais para a educação básica, tendo como propósito aprofundar e sistematizar reflexões e experiências que envolvem a atuação do professor de educação física nos anos iniciais no ensino fundamental. Com este escopo, buscamos analisar como se configura a educação física nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas públicas nos municípios de abrangência do Núcleo Regional de Educação de Ivaiporã, Paraná.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a realizar uma entrevista gravada em áudio abordando a temática da Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental. A entrevista possui uma duração média de 30 minutos e será realizada somente na presença do pesquisador em local apropriado para que não existam interferências. As entrevistas serão gravadas, transcritas e devolvidas aos entrevistados para validarem as informações e posteriormente serão utilizadas na pesquisa. As gravações em áudio e as transcrições ficarão arquivadas com a pesquisadora no período de cinco anos após a realização da entrevista e serão descartadas.

Desconfortos e riscos:

A pesquisa pode apresentar riscos e desconfortos e o pesquisador se compromete em adotar providências e ser cauteloso durante a aplicação do questionário e a realização da entrevista e as suas solicitações. Informamos que poderão ocorrer os seguintes desconfortos durante a realização da pesquisa: desconhecimento de informações sobre os questionamentos, exposição de concepções/ideias subjetivas sobre o tema e, diminuição ou acréscimo do tempo previsto para aplicação dos instrumentos de pesquisa. Você não deve participar deste estudo se estiver em desacordo com alguma das suas etapas e instrumentos de coleta de dados, sendo eles o questionário e a entrevista semiestruturada. Você não deve participar desta pesquisa se não aceitar a gravação das entrevistas, se sentir qualquer desconforto com relação a realização de entrevistas sobre esta temática. Informamos que você poderá desistir da participação a qualquer momento da pesquisa, assim como poderá se recusar a responder determinados questionamentos ou mesmo solicitar esclarecimentos sobre os questionamentos realizados.

Benefícios:

Embora possam ocorrer riscos e desconfortos na realização da pesquisa, estes se tornam irrisórios perante os benefícios. A pesquisa busca oferecer como benefícios aos participantes o aprofundamento e discussão sobre a atuação dos professores de Educação Física anos iniciais do ensino fundamental, assim como oferecer conhecimentos sobre o papel e a importância destes professores para o processo de ensino e aprendizagem escolar e subsídios para otimizar o processo de gestão das políticas educacionais do município. Para além disso, como benefícios indiretos a melhoria da qualidade da educação básica, a produção de conhecimentos e publicações científicas na área e a qualificação da formação inicial em Educação Física para os acadêmicos/futuros docentes da área.

Acompanhamento e assistência:

Você tem o direito à assistência integral e gratuita devido a danos diretos e indiretos, imediatos e tardios, pelo tempo que for necessário. Assim como você terá acesso aos resultados parciais e finais da pesquisa em qualquer momento que for solicitado.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização:

A participação na pesquisa não acarretará qualquer custo a você, pois o pesquisador irá se deslocar até o local previamente agendado no horário combinado, com todo material e/ou equipamentos necessários. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Profa. Dra. Andréia Paula Basei, Universidade Estadual de Maringá, Campus Regional do Vale do Ivaí, telefone (43) 9 9667-3735, e-mail andreiabasei@yahoo.com.br.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) 2ª a 6ª feira, das 8h às 11h40 e 14h às 17h30, Campus da UEM, Bloco 35-PPG, sala 4, Maringá – PR; Telefones: (44) 3011-4444 / 3011-4597; e-mail: copep@uem.br.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do (a) participante da pesquisa: _____

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do participante da pesquisa)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante da pesquisa. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante da pesquisa.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura do pesquisador)

**APÊNDICE B - ROTEIRO ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ATUANTES NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

a) Dados de identificação:

1. Nome:
2. Idade:
3. Sexo:
4. Formação (ano/curso graduação e pós-graduação):
5. Cidade(s) em que atua:
6. Atividades profissionais (atua somente em escolas ou em outros locais?):
7. Carga horária de trabalho por atividade exercida:
8. Renda mensal com atuação na área da educação e outras áreas?

b) Atuação docente nos anos iniciais do ensino fundamental:

1. Como se deu sua inserção nos anos iniciais? (concurso público, processo seletivo/contratação temporária, indicação, outro)
2. Qual seu tempo de atuação nos AIEF?
3. Em quantas escolas você atua?
4. Existem outros professores com formação em educação física que atuam na(s) mesma(s) escola(s)?
5. A atuação com este nível de ensino AIEF foi uma opção profissional ou uma oportunidade que surgiu?
6. Como é sua relação com a(s) professora(s) pedagogas que atuam nos AIEF? Você percebe a valorização do professor da área na escola pelos outros professores, direção, pais e alunos?
7. É realizado um planejamento em conjunto ou cada um planeja as atividades referentes as disciplinas que trabalha?
8. Você considera importante a atuação de professores com formação específica na área para atuar nos anos iniciais? Porque?
9. Como você define Educação Física escolar?
10. Qual ou quais você acredita ser os objetivos da educação física nos anos iniciais?
11. Como você realiza o planejamento das suas aulas?
12. Quais conteúdos você trabalha nos AIEF?
13. Qual a forma de avaliação que a escola adota? Como você realiza a avaliação dos alunos?
14. Como você avalia o espaço físico disponível na escola para a realização das aulas de Educação Física?
15. Como você avalia os recursos materiais disponíveis na escola para a realização das aulas de Educação Física? Que tipos de materiais existem na escola? São em número suficiente e bem conservados?
16. Você precisa adaptar materiais e espaços, utilizar materiais próprios ou emprestados nas aulas?

c) Perspectivas para inserção de professores em todos os níveis de ensino:

1. Sabe-se que em muitas escolas não existe o professor com formação específica atuando. Você saberia dizer porque isso ocorre?